

## TESE

### O LIVRE ARBÍTRIO HUMANO E O LIVRE ARBÍTRIO DE DEUS

#### SUMÁRIO HISTÓRICO

#### DA IDADE MÉDIA À IDADE MÍDIA?

*Ramon Andres Ponce<sup>1</sup>*

Esta Tese retoma o debate que levou Lutero a intuir a liberdade absoluta do Deus bíblico, e o seu contrapeso natural, o Livre Arbítrio humano. Sem a pretensão de anexar esta Tese às 95 de Wittenberg seria nosso intuito porventura corrigir distorções históricas posteriores no que concerne à doutrina da SOLA GRATIA.

No sec. IV, a barbárie fora submetida pela Igreja, mas ela própria secularizando-se, interiorizou o temporal. Oficializando uma liturgia exterior, a missa, fez exterior o que por definição é interior, o culto.

Ao usurpar o lugar do mediador Jesus, a Igreja passou a ser mediadora, substituindo Jesus. O monopólio dessa mediação pela hierarquia tornou a fé uma questão de direito exterior. Pecado, salvação, etc, tornam-se controle intimidatório que polícia comportamento.

Desobrigado de uma transformação real, o pecador recupera o estado perdido valendo-se de atitudes externas monitoradas pela hierarquia. Houve uma inversão, o homem passa a exhibir exteriormente algo que não existe interiormente. A coação exterior compenetra assim a liberdade interior.

Uma “crença” como narrativa estipulada em dogma, substitui a Fé enquanto “comprovação das coisas que não se vêem” (Hebreus 11,1)

A sanção da hierarquia da vez. ao sacramentar autoritariamente os artigos dessa crença , exigindo adesão mental irrestrita por parte do rebanho, constitui tal Crença em novo corpo jurídico que, ironicamente vem impor-se com força de Lei em lugar da Antiga Lei, que devia supostamente perimir sob o reinado da Fé e da Graça.

---

<sup>1</sup> Professor de línguas bíblicas e filosofia nos seminários FATEF e ETAD de Nova Friburgo. Monge beneditino do ramo cisterciense, converteu-se à fé cristã na igreja Luterana. É diplomado em filologia pela universidade Ludwig Maximilian , Muenchen. Alemanha. Kleines Sprachdiplom PH 31175. Grosses Sprachdiplom PH 14721

É sobre uma Igreja em estado de decomposição que recai a maior culpa que a história já conheceu. Impondo um ensinamento turvo e desfigurado em prol de sua onipotência, desferiu ela golpes mortais sobre a consciência dos povos, levando à incredulidade e amargura muitos dos melhores espíritos.

O equívoco desse drama é sustentado através de toda a Idade Média pela cultura cristã dilacerada entre duas posições face à fé: por um lado o "credo quia absurdum" de Tertuliano atenuado pelo "credo ut intelligam" de Agostinho. Por outro lado a idéia de uma "anima naturaliter cristiana", de Aquino-Aristóteles compatibiliza a ordem sobrenatural e a natural.

A Renascença assinala uma transição, delimitando fé e razão. Oriunda de Scotus-Ockam, uma nova visão elimina a realidade dos "universais" helênicos que engessavam o pensamento desde Sócrates. Ela se estabelece com Lutero.

A intuição será o portal para o conhecimento real, por conduzir à experiência. Pela ampliação do particular chega-se ao conhecimento do universal. A ciência do universal, ciência do conceitual, não é ciência de coisas reais, mas de substitutos: sinais e símbolos.

Eliminando os universais descortina-se o Deus bíblico, oceano de liberdade que a nada obedece, tudo tornando contingente. Ele próprio é heterogêneo, a sua existência só vivenciando-se na experiência. Ockam anuncia a desintegração da teologia medieval inaugurando: a mística especulativa luterana, o cartesianismo, o empirismo inglês, o criticismo Kantiano, e toda a ciência moderna, concretamente física, e formalmente matemática.

O novo capitalismo não resulta do "protestantismo", mas da desintegração do feudalismo teocrático. Isto provoca a decomposição da sociedade medieval e suscita o Estado-Cidade, novo quadro político adaptado à classe média que prevalece à nobreza Imperial.

A atualidade recicla historicamente em círculos. A hipermodernidade, como a Idade Média é idólatra e teísta mas já se augura uma nova Renascença. Em meio à crise pos-cristã, uma nova Reforma.

A civilização medieval teocrática cedeu espaço a uma civilização antropocêntrica que

recuperou a antiguidade e o humansimo.

Paralelamente, a hipermodernidade apossa-se da religião, que não mais é um legado cultural.

A Idade Mídia empacota para consumo um humanismo pseudo-religioso aureolado pela hipnose publicitária.

## O LIVRE ARBÍTRIO DO HOMEM

### O LIVRE ARBÍTRIO DE DEUS

Delimitamos a exposição desta tese a ponderar a onisciência de Deus que concede ao homem liberdade de escolha orientada pelo Espírito Santo sempre que o ser humano amplie a sua consciência limitada até a consciência ilimitada de Deus. A Sagrada Escritura define essa expansão da consciência individual como TEMOR de Deus.

As duas operações : o conhecimento antecipado que Deus tem de todas as coisas, e a concretização do mesmo pela liberdade humana constam do salmo 25 versículo 12: "Qual é o homem que teme ao Senhor? Ele o ensinará no caminho que deve escolher".

E no versículo 14: "O segredo do Senhor é para os que o TEMEM. Ele lhes fará saber o seu esquema\*[HEBRAICO: BERIT contrato proposta, concerto]

### PROBLEMA

Podemos portanto conciliar a onisciência de Deus como conceito teológico, com uma exegese focada no Livre Arbítrio.

### JUSTIFICATIVAS

Visando o trabalho do Homem que labuta na obra da sua libertação, indagamos primeiro qual é seu potencial de consciência, pois a liberdade de cada um liga-se à liberdade dos outros.

Libertando-se espiritualmente, cada homem liberta os seus semelhantes na medida em que suas escolhas ultrapassem o individualismo mais primário . Elevando a nossa consciência de Deus e a do seu Plano, tornamo-nos livres no âmbito dessa consciência, ampliada até a esfera da finalidade Divina.

A princípio, justifica este trabalho, ensejar um debate que com incremento de pesquisa , talvez

corrija tendências evidentes nas novas igrejas. Conforme a nossa leitura do fenômeno, a preponderante influência do elemento puritano-calvinista que em grande medida permeia o evangelismo neopentecostal, origina um exclusivismo religioso que na história do cristianismo tem gerado distorções de cunho político e social. Com efeito, o determinismo ao negar o Livre Arbitrio, encerra o Homem e Deus dentro de um cárcere de elite, onde o próprio criador é impotente para mudar leis, que por ironia, o calvinismo imagina mais inexoráveis que as Leis da Torah.

O livre arbítrio do homem é axioma cristão fundamental. Toda moral, quer sob a Lei, quer sob o Evangelho, capacita o homem livre a escolher alternativas, até mesmo na Igreja Congregada.

Essa verdade elementar sendo antes de mais, fator inerente a toda experiência humana.

A liberdade de Deus não é uma noção desconhecida do pensamento cristão. Entre as verdades reveladas, o Livre Arbítrio de Deus e o livre Arbítrio do homem são concomitantes. A liberdade de Deus é verdade tão axiomática quanto o livre arbítrio dos homens, porém infinitamente maior em alcance.

Deus goza de primazia na liberdade do seu universo. Todo ato de liberdade corresponde em Deus, a decisões tomadas por nós mediante o exercício de nossa liberdade. Porquanto personalidade e natureza são comuns a nós e a Deus, a liberdade de escolha é essencial a ambos.

Todavia, nem a nossa liberdade nem a de Deus existem em absoluto no universo material decaído. Ao criar Deus o universo e enche-lo de bilhões de seres, permitindo sua queda em pecado e rebelião em vasta escala, empenhou os recursos da sua Trindade no esforço da redenção. Com isso, Ele inevitavelmente pôs limites a sua liberdade.

A liberdade divina foi cerceada em vários sentidos. Ele só irá agir consoante alianças, pactos e concertos que caracterizam seu Programa. Tudo quanto houver de relativo entre Deus e o homem enquanto ser responsável e dotado de livre arbítrio, irá constituir o limite da liberdade divina.

Enquanto subsiste o estado atual da matéria, Deus se atém às “leis da natureza”, por Ele estabelecidas, as quais são apenas sua modalidade de ação neste plano. Deus no entanto, possui meios infinitos para introduzir fatores que venham a interferir no regime dessas leis: responder às orações do povo, resgatar e orientar os fiéis a Jesus com concurso de providências que cooperam para o bem daqueles que segundo seu propósito são chamados a manter o universo em harmoniosa marcha rumo ao Juízo no lento decurso dos séculos. Tudo malgrado as artes dos demônios e homens que eventualmente subvertem o ordenamento de todas as coisas.

Dentro dessa vasta unidade de seres responsáveis, Deus nunca incorre em injustiça ou arbitrariedade, ao exercer sua liberdade.

É importante também para manter a coerência da verdade aqui asseverada, que reconheçamos os limites da liberdade humana. Ela é limitada pela existência de Deus, pela queda do Homem, pela atividade hostil de inteligências decaídas, os demônios que obedecem a Satan, deus deste mundo, e pela ação de milhões de seres humanos imersos na confusão que o Erro promoveu. Forçosamente, a nossa liberdade coexiste com essa responsabilidade multifôrme.

A ética, a economia, a política e o Estado também impõem restrições a nossa liberdade.

Quanto mais adiantada a civilização, tanto mais complexa a nossa responsabilidade, e mais premente torna-se o exercício do livre arbítrio. Há sacrifícios voluntários da nossa liberdade que o próprio arbítrio livre impõem e exige. Contudo cabe nos sempre decidir, fica intacta nossa escolha de meios.

Muito mais grave restrição à liberdade humana é oposta pelo Erro em todos os seus aspectos: da simples ignorância até o grande mistério da iniquidade. “Em verdade, em verdade, vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado” (João 8.34). Um escravo contudo, tem certo livre arbítrio, embora pouco, podendo no mais íntimo manter-se livre. Toda vítima de uma pulsão tem certo controle sobre o seu pendor. Nem Deus nem os homens de

bem atribuem poder absoluto aos vícios . O homem é livre mas pode estar incapacitado para exercer seu livre arbítrio, não restando nele forças para resistir à tentação. Todavia , quem consentiu em cobrir-se de grilhões pode te-lo feito livremente? Há tantas limitações à liberdade humana quantos aspectos há de Erro na vida do homem.

A impotência moral e espiritual do homem pecador, embora não seja total ao ponto de paralisar por completo a vontade, é uma sina do indivíduo humano , sendo Jesus a única exceção . Essa impotencia individual não é porem, absoluta. Há diminuição na capacidade humana, que não diminui a responsabilidade no exercício do livre árbitro.

Nosso meio religioso e cultural é hostil à idéia de um Deus em absoluta liberdade. O Deus vivo e verdadeiro é ainda desconhecido em nossos Ateneos . Ideologias ora predominantes limitam o nosso horizonte às fronteiras desta vida propagando um deus condicionado por nossa ansia de resultados. Temos agora a oportunidade de decidir se cremos num Deus de palanque, que em programas de entretenimento religioso tem a obrigação de nos maravilhar com chuva de sensações, ou se o Deus de Israel é o nosso Deus, amado, obedecido e proclamado na boa nova para toda Humanidade.

Ou Deus é livre, ou não há Deus. Sua liberdade de programar e escolher meios para a execução do seu programa é conatural à liberdade que nós verificamos em nós mesmos. Deus é basicamente tão livre como suas criaturas, ultrapassando-as em Poder.

### PREDESTINAÇÃO

Há pouco no Novo Testamento sobre a doutrina da predestinação, pois a palavra só se emprega em :

Atos 4.28

“Para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer.”

Romanos 8.29, 30

“Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à

imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou.”

1 Coríntios 2.7

“Mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória”.

Efésios 1.5,11

5 e nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade,

6 para o louvor da glória da sua graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado;

7 em quem temos a redenção pelo seu sangue, a redenção dos nossos delitos, segundo as riquezas da sua graça,

8 que ele fez abundar para conosco em toda a sabedoria e prudência,

9 fazendo-nos conhecer o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que nele propôs

10 para a dispensação da plenitude dos tempos, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra,

11 nele, digo, no qual também fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade.

Todavia nessas fontes a liberdade de Deus harmoniza-se com a liberdade humana, não havendo conflito entre ambas.

As condições dessa eleição se encontram em:

Romanos 9.11

Pois não tendo os gêmeos ainda nascido, nem tendo praticado bem ou mal, para que o propósito de Deus segundo a eleição permanecesse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama

Romanos 11.5,7

5 Assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça.

6 E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça.

7 Que diremos, pois? O que Israel busca, isso não conseguiu; mas a eleição o alcançou; e os mais foram endurecidos.

1 Tessalonicenses 1.4

Sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus;

2 Pedro 1.10

Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis.

1 Pedro 2.4

E, chegando-vos para ele, pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa.

2 Timóteo 2.10

Portanto, tudo sofro por amor dos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna.

Marcos 13.20

E, se o Senhor não abreviasse aqueles dias, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos eleitos que escolheu, abreviou aqueles dias

Marcos 13:22,27

Porque se levantarão falsos cristos, e falsos profetas, e farão sinais e prodígios, para enganarem, se for possível, até os escolhidos. mas vós vede; eis que de antemão vos tenho dito tudo....

E ele enviará os seus anjos, e ajuntará os seus escolhidos, desde os quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu.



Mateus 20.16

Assim os derradeiros serão primeiros, e os primeiros, derradeiros; porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.

João 15.16

Vocês não me escolheram, mas eu os escolhi para irem e darem fruto, fruto que permaneça, a fim de que o Pai conceda a vocês o que pedirem em meu nome.

1 Coríntios 1.27

– Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes;

Efésios 1.4

Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fossemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor

Tiago 2.5.

Ouvi, meus amados irmãos: Porventura não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé, e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?

Essa eleição divina foi feita antes da nossa existência (Apocalipse 17.8). Jesus fala de ovelhas suas que não tinham retornado ainda (João 10.26-27), e a Paulo encorajou os fieis que ainda eram poucos, com a declaração de que Ele tinha muito povo em Corinto (Atos 18.10)

Deus não escolheu os que o escolheram, nem fez sua escolha com base na escolha humana.

Deus elege livremente, e nós O escolhemos sendo livres para aceitar ou rejeitar. Como negar a Deus a liberdade que nós mesmos gozamos?

O Livre Arbítrio de Deus se realiza em Ato eterno, Ato pelo qual, segundo o seu beneplácito soberano e não em consideração de mérito, Ele escolhe pessoas que serão recipientes da graça de seu Espírito, tornando-se participantes VOLUNTÁRIOS da salvação que é obra de Jesus. A escolha divina e a fé humana são voluntárias.

Há duas noções distintas no chamado de Deus. Uma é o chamado universal do evangelho, que

admite escolhas variadas como se vê em

Isaías 65.12

Também vos destinareis à espada, e todos vos encurvareis à matança; porquanto chamei, e não respondestes; falei, e não ouvistes; mas fizestes o que era mau aos meus olhos, e escolhestes aquilo em que não tinha prazer.

A outra é o chamado direto do Espírito Santo ao indivíduo humano, que leva a corresponderem a eleição divina e a humana, o Livre Arbitrio de Deus e o do Homem.

Lucas 14.23-24

E disse o senhor ao servo: Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha.

Porque eu vos digo que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia.

Romanos 11.29

Pois os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis.

1 Coríntios 1.24,26

24 mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus.

25 Porque a loucura de Deus é mais sábia que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens.

26 Ora, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos. nem muitos os nobres que são chamados.

Filipenses 3.14

Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.

Efésios 1.18

Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos.

1 Tessalonicenses 2.12

Para que vos conduzísseis dignamente para com Deus, que vos chama para o seu reino e glória.

2 Tessalonicenses 2.14

Para o que pelo nosso evangelho vos chamou, para alcançardes a glória de nosso SENHOR Jesus Cristo.

2 Timóteo 1.9

Que nos salvou, e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos

Hebreus 3.1

Por isso, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerai a Jesus Cristo, apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão,

2 Pedro 1.10.

Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis.

Definimos este chamado como uma operação do Espírito, que leva o pecador ao seu Salvador .

Deus sendo tão livre quanto real, o seu Livre arbítrio sendo independente como o Livre arbítrio humano, e contribuindo para seus fins todos os recursos de Deus, que faz todas as coisa segundo a sua Vontade.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Liberdade e responsabilidade são paralelas. A expansão da nossa consciencia pela Graça do Espírito eleva a nossa moralidade. Sem ela o homem nada mais é que um joguete nas redes causais.

Como início de texto, inserimos o versículo que sintetiza a idéia do livre arbítrio:

"Vede que ponho diante de vós, hoje, a benção e a maldição."

Deuteronômio 11:26

A cada momento, em cada situação de vida, fazemos escolhas. Embora possam parecer distintas, o que estamos escolhendo, acima de tudo, é a maneira pela qual observamos a realidade. O que preferimos: Enxergar pela óptica limitada da mente ou através de uma visão, mais abrangente, do ser em harmonia com o Absoluto?

Por oposição a uma teoria de predestinação determinista, reconhecemos que moralidade é inseparável de liberdade. Entretanto, a nossa reponsabilidade corresponde às limitações da nossa consciencia, por ser ela que avalia proporcionalmente a natureza das nossas ações.

Dependerá do grau de nossa elevação espiritual no escopo do Espírito Santo, que a lei de Deus replandeça com brilho maior através da nevoa das nossas percepções escurecidas pelo Erro

Com efeito, após a Queda do Homem, a liberdade humana foi restringida , ficando embora sempre aberta a uma jornada de desenvolvimento espiritual: o progresso se daria talvez expandindo o Livre Arbitrio individual, ao foca-lo no Desenho Maior delineado por Deus.

Desde os primórdios, a luta entre a "carne" e o Espírito teve como objetivo libertar o individuo do jogo de causas predeterminadas pela malha de condicionamentos materiais. A percepção e a vontade individual, pouco a pouco desanuviadas pela ação do Espírito Santo, acabam superando as restrições do que parecia fatalidade causal.

Sob um enfoque para além da discussão entre neo-arminianos de um lado e luteranos-calvinistas do outro, restringimos a nossa indagação à exegese bíblica

a) Documentando ambas tendencias em cotejo histórico e escriturístico com o seguinte enfoque: Livre Arbitrio Humano e Liberalidade de Deus.

b) via examen exegético do conceito de Livre Arbitrio: refletindo sobre o livro de Jonas.

c) Identificando o conceito teológico da onisciencia de Deus através de uma reflexão sobre textos Paulinos

## INTRODUÇÃO

Como alternativa filosofica ao determinismo defendemos a determinação moral: liberdade da vontade . A responsabilidade dos homens pelos seus atos. Se a vontade não é livre, os homens

não podem ser punidos ou recompensados pelo que fazem.

Este trabalho retoma o embate filosófico-teológico : determinismo versus livre-arbítrio destacando o problema da responsabilização moral.

Conforme a teoria pró-livre arbitrio, Deus usa de justiça para com os pecadores que escolheram livremente desobedecer a sua vontade, fonte absoluta da justiça. O determinismo por sua vez, recusa o livre-arbítrio e se vê então obrigado a provar que é justa a punição do pecador, mesmo que ele não seja livre para escolher, isto é, para escolher entre pecar e não pecar.

Segundo a abordagem responsabilista, recusar o livre-arbítrio é retirar dos homens a responsabilidade pelas suas ações tornando injusta toda punição, seja divina ou civil. Ao fazer a justiça derivar de um poder IMUTÁVEL (impessoal) , seja de Deus ou do soberano civil , o argumento determinista torna compatível a negação do livre-arbítrio com a responsabilização e punição dos pecadores através do mesmo argumento utilizado nas obras políticas que compatibilizam o seu determinismo com a afirmação de que é justo punir os que desobedecem dentro da estrutura impessoal da lei civil.

A negação determinista do livre-arbítrio está em harmonia com uma concepção mecânica de natureza . O argumento é o seguinte: uma vez que a liberdade é apenas ausência de oposição ao movimento – ser ou estar livre é não encontrar obstáculos para mover-se . Portanto falar em “liberdade da vontade” seria para o determinismo tão absurdo como falar em Liberdade de Deus.

A contradição que coloca Deus dentro da prisão erguida pela sua própria Onipotencia seria na teoria determinista eles considerarem um absurdo atribuir liberdade àquilo que não for um corpo e, portanto, não estiver sujeito ao movimento: no caso a Vontade Humana e a Natureza Divina.

Não movendo-se, nem a vontade do homem nem Deus podem ser livres, tampouco podendo ser impedidos.

A crítica aos pregadores do livre-arbítrio estaria fundamentada numa concepção da natureza que admite apenas corpos em movimento havendo eliminado a causa final. Contra o aristotelismo que pensa o movimento natural como teleológico, causado pela tendência natural do corpo a obter a sua completude e atualizar a sua essência, os deterministas admitem o movimento como sendo apenas mudança de lugar, indiferente a qualquer processo teleológico: os corpos se movem tão somente por efeito de causas eficientes, choques e condicionamentos externos.. Assim sendo, um homem livre é aquele que, naquelas coisas que graças à sua força e engenho é capaz de fazer, não é impedido externamente de fazer o que tem vontade de fazer. Dito de outro modo, um homem é livre quando não encontra obstáculos para mover-se na direção do objeto de seu desejo ou para fugir do que o amedronta. Como sabemos, tanto o homem como o deus dos deterministas é “mecânico”:o objeto externo afeta os sentidos, este movimento gera internamente movimento de desejo ou aversão, que se transforma em movimento externo na direção favorável ou inversa do objeto. Em suma, se algo se move é porque foi mobilizado nesta ou naquela direção pela ação de um corpo externo: ação e reação substituem integralmente o finalismo e retiram dos corpos a possibilidade de se moverem por si mesmos ou por uma causa que lhes seja intrínseca. Evidentemente, nesse enfoque há lugar apenas para uma concepção negativa e mecânica de liberdade. O determinismo se fará presente, por conseguinte, na definição da vontade como apetite, sendo o apetite uma reação interna ao movimento de um corpo externo. Ao explicitar a cadeia causal de toda ação, o determinismo pretende mostrar que o homem, quando muito, é livre para mover-se na direção do objeto desejado, mas não é livre para querer isso ou aquilo. Porquanto a liberdade se refere apenas ao agente enquanto corpo e não à vontade, pode-se dizer que um homem tem ou não liberdade para fazer o que quer, mas daí não se segue que esteja ao seu alcance escolher o que quer. Em suma, a vontade não se determinando, não seria causa de si mesma, dependente que é do modo como reagimos internamente à ação do mundo exterior. Isso significa que há causas necessárias que fazem com

que os homens queiram o que querem. Em nossa concepção, o determinismo é “moralmente danoso” porque retira dos homens a responsabilidade pelas suas ações. Para desbancar esse homem que simplesmente reage à ação dos objetos externos, como uma bola de tênis reage à ação das raquetes, tentamos recuperar o papel da razão na realização da vontade e mostrar que a liberdade não coexiste só com necessidade ou determinação extrínseca. A liberdade não é ausência de impedimento ao movimento, mas consiste no poder de escolha dos homens. Contestamos que os objetos externos determinam naturalmente a vontade humana, argumentando que apenas Deus poderá fazê-lo em função de seu supremo domínio sobre todas as coisas. Deus pode, quando lhe apraz e em casos extraordinários, exercer uma influencia especial sobre os homens. Neste e apenas neste caso a vontade é determinada naturalmente, ou seja, extrinsecamente, necessariamente e sem liberdade. Quando tal não ocorre ou ocorre extraordinariamente, cabe ao homem fazer as suas escolhas, e a vontade será determinada moralmente, pelo seu próprio intelecto. A diferença entre a determinação natural e moral da vontade é a seguinte: no primeiro caso a vontade é determinada extrinsecamente, necessariamente e, portanto, sem que tenhamos liberdade para escolher, no segundo caso, ou seja, quando não apraz a Deus intervir, a vontade é estabelecida internamente mediante a ação do intelecto e, portanto, com liberdade de escolha, traduzida em ações (OBRAS). Conforme a nossa abordagem seria exclusividade de Deus aquilo que o determinismo atribui a todos os objetos que causam desejo ou aversão sendo esse o primeiro passo para negar o mecanicismo determinista que faz da vontade mero apetite, equacionado com a reação ao movimento dos objetos externos sobre nós.

O segundo passo consistirá em reintroduzir a causalidade pelas nossas AÇÔES LIVRES, que os deterministas eliminaram inteiramente ao admitir apenas causas eficientes: a causalidade ou determinação moral, que recupera a importância da razão na discussão sobre a liberdade humana de OBRAR livremente ao fazer da vontade um produto da deliberação presumendo o uso da razão. Com a “determinação moral” traduzida em atos livres garante-se a liberdade da

vontade e, assim, a responsabilidade dos homens pelos seus atos. Ora, todo o debate gira em torno do problema da responsabilidade do homem, pois se a vontade não é livre, os homens não podem ser punidos ou recompensados pelo que fazem.

### O LIVRE ARBÍTRIO HUMANO

A crença no Livre Arbítrio defende antes de mais o projeto salvífico de Deus. Contrariamente à doutrina calvinista, a doutrina do Livre Arbítrio advoga a primacia da Liberdade Humana concedida por Deus, para arbitrar a escolha que o homem pode fazer a favor de Deus e sua Salvação. Esta doutrina encontra base nas próprias Sagradas Escrituras e nos primeiros Padres JESUS "Deus amou tanto o mundo que entregou seu filho único, para que todo o que Nele crer não pereça, mas tenha vida eterna. Deus não enviou seu Filho ao mundo para condena-lo, mas para salva-lo"

PEDRO APOSTOLO O Senhor não demora em cumprir sua promessa, como alguns entendem o que seja demora. Ele é paciente conosco, não querendo que ninguém pereça, mas que todos venham à conversão.

PAULO APOSTOLO Pois a Graça de Deus que traz salvação, manifestou-se para todos os homens. Isso é bom e agrada a Deus nosso Salvador, que deseja que todos os homens se salvem. O calvinismo reivindica que sua doutrina foi corroborada por primitivos padres da Igreja, também citando Agostinho (354-430) Vejamos alguns dos primitivos Padres:

IGNACIO DE ANTIOQUIA (98-110) Segundo consta foi discípulo dos apóstolos Pedro e João, supliciado, ofereceu testemunho de fé ao ser condenado a lutar com feras selvagens no Coliseu romano. Chegaram até nós sete das suas cartas. "Se alguém é verdadeiramente religioso, é homem de Deus, se for irreligioso, é do diabo, feito tal, não por natureza, mas pela sua própria escolha"

POLICARPO (69 – 155) Policarpo rendeu seu testemunho sendo condenado a morte na fogueira quando orçava pelos 87 anos de vida. Policarpo tinha sido discípulo de João ( encontra-se em debate se o referido João foi o filho de Zebedeu ou João o Presbítero). Incluímos Policarpo não



porque lhe seja adjudicada qualquer doutrina relacionada ao assunto, mas por ter sido ele o Mestre de Irineu, que nos deixou doutrina que diz respeito ao Livre Arbítrio.

IRINEU (130-202) Também sofreu a morte como Testemunha, foi discipulado por Policarpo e os seus escritos são fundamentais como alicerce no desenvolvimento da teologia Cristã. Por volta de 180, Irineu escreveu o " IV Livro Refutando Heresias". No mesmo, ele derriba ideias vigentes na época, que se tornariam posteriormente parte integrante do Calvinismo e da chamada Teologia Reformada, na sua negação do Livre Arbítrio, como veremos nos sumários que vamos fornecer. "Policarpo não somente foi instruído pelos apóstolos, relacionando-se com muitos dos que viram o Cristo, mas foi nomeado bispo da igreja de Smyrna. pelos próprios apóstolos Eu o conheci na minha juventude, tendo ele vivido uma vida de longevidade na terra, sofreu nobre e gloriosamente o martírio em idade propecta" (Ireneu) " O homem possui Livre Arbítrio, e está dotado com a faculdade de Escolha. Portanto não é verdade que alguns sejam por natureza bons, e outros maus" "O homem está dotado com a faculdade de distinguir entre o Bem e o Mal de maneira que, sem compulsão, ele tem a capacidade de cumprir os mandamentos de Deus por sua própria vontade e escolha, fazendo o qual, ele evita males que foram preparados para os que se rebelaram"

JUSTINO MARTIR c. 100/114 – c. 162/168 . Foi um dos primeiros apologistas cristãos, ofereceu testemunho sendo decapitado. É autor de uma obra de caráter filosófico de considerável porte, em defesa do ensinamento de Jesus. "O homem age por sua própria livre vontade, e não pelo destino" "Temos aprendido dos profetas , e consideramos verdadeiro, que punição, castigo, e recompensa são outorgados conforme o mérito das ações de cada homem, pois nada estaria em nosso poder se tudo acontecesse por destino. Da mesma maneira, se um homem for mau, ele não merecerá castigo, não o sendo por si mesmo, mas por uma incapacidade que lhe é inerente: a de fazer qualquer coisa diversa daquela para a que fora feito." "Para que não tenhais desculpa de dizer que o Cristo tinha inevitavelmente que ser crucificado, que aqueles que transgrediram tinham que estar entre os da vossa nação, e que nada poderia ter sido de

outra maneira, digo-vos brevemente e por antecipação, que Deus, desejando que tanto homens como anjos seguissem a sua Vontade, resolveu cria-los livres para serem justos, possuindo raciocínio, podendo assim saber por quem foram criados, e através de quem existem eles agora, e não havendo existido anteriormente, estando debaixo de uma Lei para serem julgados caso fizerem eles algo contrário à razão correta: sabendo que por nós mesmos, tanto homens como anjos seremos convictos de haveremos agido erroneamente, a menos que nos arrependamos. Porém, se a palavra de Deus prenunciasse que com toda certeza alguns homens e anjos seriam punidos, tal aconteceria pois Ele já sabia que eles seriam maus, mas não porque Deus assim os tivesse criado.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA (190) "Todo homem, labutando sozinho para se libertar de desejos

pecaminosos, nada alcança. Mas quando se mostra claramente ansioso e empenhado nessa obra acaba atingindo essa meta pela adição do poder de Deus. Deus passa a agir junto com as almas voluntariosas. Mas se a pessoa abandonar seu empenho, também será restringido o espírito de Deus. Salvar quem não quer se salvar é usar de compulsão, mas salvar quem quer se salvar é ação de misericórdia" "Nem elogios nem condena, nem recompensa nem castigo caberiam se a alma não tivesse a capacidade de escolher e a de evitar, se o mal acontecesse involuntariamente"

ARCHELAUS (250-300) "Todas as criaturas que Deus fez, Ele as fez muito boas. Ele deu a cada individuo o senso da livre vontade, padrão pelo qual Ele instituiu a lei de julgamento...Certamente, quem assim quiser pode observar mandamentos. Quem os desprezar, e se desviar para o que for contrário a eles, sem duvida terá de encarar a lei de julgamento. Não haja qualquer duvida, cada individuo, usando seu próprio poder de vontade, é capaz de encetar a jornada na direção que lhe aprouver"

METHODIUS (260-315) "Esses pagãos que resolveram que o homem não possui livre vontade, mas dizem que ele é governado pela inevitável Necessidade do Fado, são réus de irreverencia

para com o próprio Deus, fazendo dele o causador e autor dos males da humanidade”

### O QUE É LIVRE ARBITRIO?

Livre arbítrio significa que, quando confrontado com o plano que Deus tem para a nossa salvação, cada pessoa tem a liberdade de escolher ou de rejeitar o dom salvador de Deus, ELE deseja que toda pessoa humana aceite essa dádiva. O que sim está predestinado é esse plano de salvação através de Jesus, para aqueles que O aceitarem. Portanto se nós aceitarmos que Deus se sacrificou em reparação por nossos erros, se nós o fizermos Senhor da nossa vida, seremos incluídos no plano de salvação. Os partidários do Determinismo-Predestinação defendem que a posição por eles advogada é comprovada pela sanção dos primitivos Padres da Igreja, havendo sido corroborada por Agostinho (354-430). Poderíamos ter citado mais Padres da Igreja Primitiva, mas os citados bastarão para fundamentar nossas afirmações. Vamos considerar antes de mais o que o calvinista Loraine Boettner tem a nos dizer acerca dos primeiros Padres. Boettner, autor da " Doutrina Reformada sobre a Predestinação" reconhece que os primeiros Padres da Igreja não davam apoio à doutrina da predestinação: No que diz respeito ao que nós agora denominamos "doutrina da Predestinação" , Boettner diz: "Esta verdade fundamental do Cristianismo só foi pela primeira vez reconhecida claramente por Agostinho" Agostinho viveu entre 354 e 430, muito depois dos Padre da Igreja que antes temos citado.

Boettner não foi o unico a concordar com o fato de que antes de Agostinho realmente não houve nenhuma autoridade que se subscrevesse à doutrina da Predestinação para alguns seletos escolhidos. No ano de 1882, James Morrison escrevia no seu " O Alcance da Expição" citando os escritos do Bispo John Davenant (1572-1641) , que estivera presente no Sinodo de Dort em 1618. O bispo Davenant escreveu: "... Asseveramos que , conforme a Teologia Reformada, os Padres da Igreja Primitiva , homens esses que estudaram com os Apostolos originais, e com os seus discípulos, não entenderam a dourina cristã básica. O mundo ainda teria de aguardar cerca de quatrocentos anos por esta revelação " (!) Ao que parece, o

calvinismo prefere aderir a uma doutrina que foi desenvolvida séculos depois da revelação de Jesus, dos seus Apóstolos e dos Padres da Igreja Primitiva, doutrina essa da autoria de alguém que não foi instruído por aqueles que estiveram mais próximos das fontes originais. Tanto historiadores das Escrituras Sagradas como académicos afirmam que quanto mais próximos às fontes nos achegarmos, mais certos estaremos de uma doutrina acurada oriunda das pessoas que estiveram no momento em que a verdade fora promulgada. Quanto mais nos afastarmos dessas fontes, mais provável será que erros tenham se deslizados na doutrina.

### JUDAISMO PRIMITIVO

A filosofia judaica enfatiza que o Livre Arbitrio é um apanágio da alma humana intimamente vinculado a noções humanas fundamentais: recompensa - punição. Noções essas que têm base na autoridade da própria Torah. Para que o Homem tenha verdadeira liberdade de escolha, deve ele não somente ter a capacidade de uma escolha interior livre, mas deve contar com um meio ambiente no qual exista margem para obediência ou desobediência. O próprio Deus criou um mundo em que tanto o Bem como o Mal podem operar livremente. São estes os subsídios que encontramos na Enciclopeia Judaica, no que tange ao Livre Arbítiro e à Predestinação: "A noção de Livre Arbitrio presuppõem que Deus está em atividade dentro das nossas vidas, e que Ele intervém fazendo que certas coisas aconteçam, como fica evidenciado pelas profecias que constam das Sagradas Escrituras. Outras coisas que nos acontecem são resultado de escolhas por nós mesmos realizadas.

Sendo que outras eventualidades podem ainda nos acontecer, originadas no Erro em que este mundo jaz, não possuímos o controle dessas eventualidades, e somente podemos controlar a nossa reação a elas. O Livre Arbitrio nos ensina que Deus, por estar ativa e soberanamente presente nas nossas vidas, pode fazer uso de qualquer evento para o nosso benefício, até mesmo aqueles eventos que Ele não tem causado diretamente.

### EXISTE MEIO TERMO ENTRE LIVRE ARBITRIO E DETERMINISMO ?

A formulação divulgada como doutrina da Teologia Reformada do calvinismo declara que não

existe meio termo: "Calvinismo de um lado, Ateísmo do outro lado" Por que razão os adeptos do Calvinismo envidam tamanho esforço em argumentar ? Por que preocupar-se em discutir o assunto? Afinal, se os calvinistas estiverem corretos, tanto aqueles que acreditam no calvinismo, quanto aqueles que acreditam no Livre Arbítrio já foram predestinados a terem essas crenças ,e não haveria margem para argumentar. No entanto , o tema é debatido ainda, e o curioso é que existem mais publicações a favor do determinismo calvinista , do que defensores do Livre Arbítrio. Muitas das publicações calvinistas chegam às raias da militância fanática, tentando refutar o Livre Arbítrio até mesmo em termos derogatórios. Muitas delas denominam o Livre Arbítrio teoria "perigosa para a fé"

#### ARGUMENTO CALVINISTA I: O MAL

Deus criou o MAL? Conforme a teologia Calvinista, é pretencioso da nossa parte dizer que há alguma coisa na criação de Deus que possa ser denominada o Mal. Segundo a mesma teologia, visto que não podemos conhecer a mente de Deus (!) , e ao Deus criar tudo de acordo com a sua soberana programação, nada é realmente ruim, e portanto não existe diferença entre bem e mal. A soberania de Deus, entretanto, não é ameaçada pelo nosso livre Arbítrio, e Ele nos diz que temos a capacidade de distinguir entre Bem e Mal.

#### ARGUMENTO CALVINISTA II

Jesus se dirige a discipulos específicos. Naqueles tempos, os homens que quisessem aprender com um Rabbi, habitualmente escolhiam o rabbi que eles queriam seguir e emular. Entretanto, Jesus deixa claro que foi Ele quem escolheu, e não o contrário.. Outra maneira igualmente válida de entendermos essa declaração de Jesus é: Deus escolheu o Homem acima de toda a sua Criação, desde o princípio, com a finalidade de fazer uma parceria com ele. É por isso que: "FOI DEUS QUE NOS ESCOLHEU, NÃO FOMOS NÓS QUE O ESCOLHEMOS"

ARGUMENTO CALVINISTA III Ele nos escolheu em si mesmo, antes da fundação do mundo. A primeira vista "parece" que Paulo está dizendo que aqueles que são crentes foram predestinados para a salvação. Todavia, Paulo está falando acerca do PLANO que Deus tem

para nós, através de Jesus Cristo.. Como já afirmamos previamente, Deus nos criou, e portanto nos escolheu para que tivéssemos uma parceria com Ele.

ARGUMENTO CALVINISTA IV :A Bíblia , visto que a Bíblia não usa o termo "LIVRE ARBITRIO", de

maneira específica, ele não estaria nos ensinando nada sobre isso. Essa asseveração , que os termos Livre, e Arbítrio não são usados é incorreta, antes de mais, tudo dependerá de qual tradução estejamos utilizando. Não se trata aqui de que o conceito " Livre Arbitrio " esteja ou não esteja na Bíblia. Por tratar-se de termos de uso academico restrito. o fato de que não sejam termos amplamente utilizados, nada prova., de uma forma nem de outra. Esse é além do mais, um assunto questionável do ponto de vista semântico. Entrementes, o livre arbitrio é mencionado de forma específica, leia-se a epistola de Paulo a Filemon,. Nela encontramos ilustrações esplendidas sobre a maneira pela qual Deus deseja que nós façamos coisas por nossa própria vontade, somente por amor a Ele. Não porque não tenhamos escolha , embora Deus tivesse podido nos forçar. Nessa epistola, Paulo escreve ao seu amigo e irmão em Cristo, Filemon, para-lhe informar que ele, Paulo, está devolvendo algo que lhe pertence , o escravo Onesimus, que agora aceitou Jesus para a sua Salvação. Paulo diz a Filemon de quanta utilidade Onesimus tem sido para ele, e como ele deseja que Filemon trate a Onesimus, não mais como a um escravo, mas como a um irmão em Cristo, Paulo apela a Filemon dizendo que se ele tem alguma consideração por Paulo, deve ele aceitar Onesimus da mesma forma que acolheria a ele, Paulo. É por amor que Paulo não obriga Filemon a alforriar Onesimus. Fazendo uso de sua hierarquia dentro da Igreja, ele poderia facilmente ter mantido Onesimus consigo, ou poderia ter ordenado e forçado Filemon a outorgar a liberdade a Onesimus, sem puni-lo por ter fugido. Paulo tambem relembra a Filemon que ele tambem deve a ele, Paulo, ter sido conduzido à Salvação através de Jesus. Paulo teria podido obrigar facilmente Filemon a fazer o que era correto., mas seria melhor para os envolvidos: Paulo, Filemon e Onesimus, que Filemon assim o fizesse pelo seu próprio Livre Arbitrio.

ARGUMENTO CALVINISTA V Esse argumento baseia-se em Efesios 1: 5. John Wesley nos

explica

Efesios 1: 5-36. "Havendo nos predestinado para adoção de filhos" = Preordenou que todos os que fossem acreditar em Jesus desfrutassem a dignidade de serem filhos de Deus, e co herdeiros com Cristo, conforme seu propósito Livre Arbitrio de conferir a sua benção aqueles que acreditassem em Jesus”

ARGUMENTO CALVINISTA VI "Exodo 7: 13-14 "E o Senhor disse a Moises: o coração do Faraó é

inflexível, ele recusa deixar o Povo sair" O que Deus fez foi trazer a tona aquilo que já estava no coração do Faraó. Deus endureceu o coração do Faraó? Sim , mas da seguinte forma. Teria sido mesquinho da parte de Deus endureceu o coração de um Faraó doce, disposto a se inclinar na direção da Vontade de Deus, e que estivesse feliz com a decisão de Deus de fazer algo pelos filhos de Israel. Teria sido mesquinho um Deus que assim fizesse com o coração de um Faraó tão maravilhoso. Mas não é essa a realidade do texto biblico. "Endurecer" é uma figura de linguagem que no original significa retorcer, como uma corda. Isto é, Deus retorceu o coração do Faraó, para espremer o coração, fazendo com que saísse tudo o que estava no interior do coração. Deus provocou o Faraó a fazer aquilo que já era seu intuito fazer. Deus o fez ter uma reação autentica.

ARGUMENTO CALVINISTA VII "Ninguem busca a Deus" A frase consta de Romanos 3:11 , e Paulo

está citando parcialmente o Salmo 14:1-3, 53:1-3, bem como Ecclesiastes 7:20. A Sagrada Escritura nos diz em diversas ocasiões que as pessoas deveriam buscar a Deus: Exodo 18:15; Deuteronômio 4:29; 1 Reis 22:5; 1 Crônicas 28:9; 2 Crônicas 7:14; 2 Crônicas 15:2; 2 Crônicas 20:4; Salmo 9:10; salmo 69:6; 69:32; Isaías 55:6; Jeremias 29:13

Também nos Evangelhos. Mateus 6:33 : " busquem primeiro o Reino de Deus..." Mateus 7:7-8 " Pedi e vos será dado, buscai e achareis..." "Todo aquele que pedir receberá, e quem buscar achará..." Atos 17:27 " Deus assim fez para que os homens o buscassem..." Hebreus 11:6 "... E sem fé é impossível agradar a Deus. assim pois ...quem quer que o buscar com sinceridade....."

A doutrina de Calvino não foi criada por ele, mas ensinada por Agostinho, o grande teólogo do século IV. Tampouco foi criada por Agostinho, que afirmava estar interpretando a doutrina do apóstolo Paulo sobre a graça de Deus, sem mérito das obras. ( Tema que iremos examinar).A doutrina de Calvino: a salvação provém inteiramente de Deus; o homem não tem condições de prover sua salvação por meio de obras.

Naturalmente surge a pergunta: se a salvação é inteiramente obra de Deus, e o homem não tem nada a ver com ela e está desamparado, a menos que o Espírito Santo opere nele, então por que Deus não salva todos os homens, uma vez que todos estão perdidos e desamparados? A resposta de Calvino era: Deus predestinou alguns para serem salvos, e outros para perdidos. “A predestinação é o eterno decreto de Deus, pelo qual ele decidiu o que será de cada um de todos os indivíduos. Pois nem todos são criados na mesma condição; antes, a vida eterna está preordenada para alguns, e a condenação eterna para outros.” Ao agir dessa maneira, Deus não é injusto, pois ele não é obrigado a salvar ninguém; a responsabilidade do homem permanece, a queda de Adão foi por sua própria culpa, então o homem será sempre responsável por seus pecados. Visto que Deus predestinou certos indivíduos para a salvação, Cristo morreu unicamente pelos “eleitos”; a expiação fracassaria se alguns pelos quais Cristo morreu se perdessem. Dessa doutrina da predestinação, segue-se o ensino “uma vez salvo, salvo para sempre”, porque, se Deus predestinou um homem para a salvação, e este pode unicamente ser salvo pela graça de Deus, que é irresistível, então o salvo nunca pode perder-se. Os que defendem a doutrina da “salvação eterna” apresentam as seguintes referências bíblicas para sustentar sua posição: João 10.28-29 “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, elas me seguem, dou-lhes a vida eterna, nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão.” Romanos 11.29 “Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento.” Filipenses 1.6 “Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo.” I Pedro 1:5 “Que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes a se revelar no último



tempo.” Romanos 8:35 “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?”

### O EQUILÍBRIO

As respectivas posições fundamentais, tanto do calvinismo quanto do arminianismo, são ensinadas nas Escrituras. O calvinismo exalta a graça de Deus como única fonte de salvação, e a Bíblia concorda. O arminianismo acentua o livre-arbítrio e a responsabilidade do homem, a Bíblia também concorda. A solução prática consiste tanto em evitar os extremos antibíblicos de um e de outro ponto de vista quanto em evitar antagonismo entre as duas. Quando duas doutrinas bíblicas são postas em posições antagônicas, o resultado conduz ao erro. Por exemplo: a ênfase na soberania e graça de Deus quanto à salvação pode conduzir a uma vida descuidada. Se a conduta da pessoa negligencia sua salvação, corre riscos. Por outro lado, a ênfase no livre-arbítrio, como reação ao calvinismo, deixa as pessoas entregues ao legalismo de algumas igrejas despidas de confiança em sua salvação. Os dois extremos devem ser evitados.

### LIVRE ARBITRIO OU DETERMINISMO-PREDESTINAÇÃO?

A predestinação calvinística é controvertida por ser exclusivista. A doutrina bíblica é inclusiva. Em Romanos 9 Paulo mantém um debate acerca do direito de Deus escolher quem poderia ser salvo e como. Mas ele não argumenta com pessoas que crêm que Deus devesse oferecer salvação ao mundo todo. Ele estava argumentando com o povo judeu de seus dias que cria que salvação era o direito exclusivo de Israel. Eles criam que somente quem fizesse parte da nação judaica, ou se tornasse parte dela mediante circuncisão e obediência à Lei de Moisés, seria salvo. Paulo disse que eles se enganavam. A salvação está aberta a todas as pessoas, não é baseada em ascendência humana ou obediência à Lei, mas em fé em Jesus Cristo. Paulo sumariza, “Que diremos pois? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça, mas a justiça que vem da fé. Mas Israel, que buscava a lei da justiça, não atingiu a lei da justiça. Por que? Porque não a buscavam pela fé, mas como que pelas obras da

lei. Pois tropeçaram na pedra de tropeço;” {Rm 9:30-32} Paulo argumenta que Deus não limita a salvação a Israel. Ele tem o direito de oferecer sua salvação a todas as nações. Fazendo da fé o meio para sua salvação em lugar da lei do Antigo Testamento, a vida eterna é acessível a todos. A maior parte dos judeus não podia aceitar isto. Eles se recusavam a crer que Deus aceitaria gentios como seu santo povo mediante fé em Jesus Cristo. Esta negação os levou a recusar o Evangelho. Paulo diz, “Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para uso honroso e outro para uso desonroso?”. Ele defende o direito de Deus tornar a salvação aberta a todos aqueles que creem, ele também defende o direito de Deus julgar a nação judaica por sua recusa do Evangelho. Paulo defende a liberdade de Deus escolher quem e como alguém será salvo. Mas ele argumenta com os que dizem que Deus limita a salvação a um certo número de indivíduos. E ele não está defendendo que Deus escolhe pessoas incondicionalmente. Paulo argumenta contra aqueles que afirmam ser a salvação direito de um número limitado de pessoas. Ele defende o direito de Deus oferecer salvação a todos com base na fé, e não na ascendência judaica ou na obediência cega à Lei de Moisés. Mas Paulo não foi o primeiro a apresentar esta visão controversa da salvação para a nação judaica.

Jesus iniciou a controvérsia quando declarou “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” {Jo 3:16}. A afirmação parece indiscutível. Mas para os judeus dos dias de Jesus, era impensável que Deus amasse o mundo inteiro, incluindo os pagãos. Ainda existem aqueles tentam limitar o amor de Deus e sua oferta universal de salvação: Deus não ama o mundo todo, nem deseja sinceramente oferecer salvação a todos; mas seu amor salvífico e sua oferta, acompanhadas da graça habilitadora necessária para aceitá-la, são limitados somente a alguns indivíduos. Nos dias de Paulo predestinação bíblica era controversa entre os judeus que pensavam que a salvação era direito exclusivo de um pequeno grupo de indivíduos. E nos

nossos dias predestinação bíblica é ainda controversa entre calvinistas que pensam que Deus tem limitado seu amor e sua oferta de salvação a uma pequena percentagem da humanidade. Por que meios então Deus nos atrai a Cristo apesar de nossas tendências depravadas? O que pode ser mais forte que a morte e o pecado? Ideias? Emoções? Palavras? Argumentos? Nada disto pode romper um coração habituado ao mal, e são por si só esforços inúteis. A obra de Deus contra o poder da natureza pecaminosa deve ser necessariamente maior do que qualquer força humana pode reunir; e é o que Lucas menciona como meio pelo qual se crê, no livro de Atos: Querendo ele passar à Acaia, os irmãos o animaram e escreveram aos discípulos que o recebessem; e tendo ele chegado, auxiliou muito aos que pela graça haviam crido. Pois com grande poder refutava publicamente os judeus, demonstrando pelas escrituras que Jesus era o Cristo. (Atos 18:27-28) Esta graça que pode superar os desejos pecaminosos inatos ao homem e permitir-lhes receber a mensagem do Evangelho e crer em Cristo como Salvador é às vezes chamado ‘graça preveniente’ ou ‘graça preventiva’; literalmente, graça que antecede à fé e conversão. Este é um princípio base do arminianismo e tem sido assim desde seus primeiros dias um sistema teológico. Que esta graça de Deus é o começo, a continuação e o fim de todo o bem; de modo que nem mesmo o homem regenerado pode pensar, querer ou praticar qualquer bem, nem resistir a qualquer tentação para o mal sem a graça precedente (ou preveniente) que desperta, assiste e coopera. De modo que todas as obras boas e todos os movimentos para o bem, que podem ser concebidos em pensamento, devem ser atribuídos à graça de Deus em Cristo. Mas, quanto ao modo de operação, a graça não é irresistível, porque está escrito de muitos que eles resistiram ao Espírito Santo. A exposição acima afirma corretamente que a graça de Deus não é apenas o início da salvação, mas o que a sustenta e a realiza também. E por esta razão que defendemos o livre arbítrio, pois enquanto o homem inerentemente tem uma natureza pecaminosa voltada somente para o mal, a presença e o poder da graça de Deus que se fez presente em todo o mundo nos dá um novo caminho e possibilidade de seguir – uma escolha contrária a fazer entre a vontade de Deus e os caminhos

pecaminosos do mundo. Logo, deve-se notar que o exercício da vontade para o bem não existe e não pode existir sem a graça de Deus, pois em ela não haveria nada a escolher, além de nossa própria escolha sobre venenos diabólicos. Espero que isto esclareça alguns dos equívocos sobre o livre arbítrio, mas para não deixar dúvidas, vamos observar o que a visão sinergista/arminiana de livre-arbítrio é e o que ela não é.

Livre arbítrio é:

A capacidade de: ouvir e obedecer o Evangelho pela graça de Deus,, ou em caso de resistência, não crer nele.O poder de agir sob a graça de Deus para se responder à justificação em fé, ou rejeitar a influência da graça e então seguir a velha natureza.

Livre arbítrio não é:

O poder de fazer o que se quiser, quando se quiser, sem qualquer tipo de restrição ou influência. Alguns confundem o termo libertário com ‘completamente irrestrito e sem influência’ – um nome melhor para esta mitológica espécie de liberdade humana seria ‘livre arbítrio anarquista’ (ou talvez ‘caos volitivo’ soaria melhor). O termo livre arbitrio simplesmente denota que a criatura é verdadeiramente livre para fazer suas escolhas entre as influências, ao contrário da visão compatibilista, que sustenta que as escolhas ‘livres’ são na verdade causadas ou predeterminadas externamente. Enquanto Deus delega ao homem poder e liberdade até um certo ponto, em última análise Ele ainda retém controle sobre o corpo, a alma e o espírito.

#### LIVRE ARBITRIO NO LIVRO DE JONAS

Em Jonas cap. 4 , o Profeta insurge-se ante os acontecimentos em Nínive. O Senhor indaga se o Profeta tem o direito de ficar irado. Não havendo resposta a essa indagação, somos conduzidos à narrativa que diserta sobre o abrigo de Jonas, a planta e a parasita, e que culmina com a cólera de Jonas. A essas alturas, a ira do Profeta é motivada pela planta, e Jonas defende o seu direito de ficar irado. O capítulo e o livro encerram-se então com um Pronunciamento sobre Graça e Compaixão, declarado pela Divindade.

Algumas questões ficam sem resposta no texto. Especificamente, o que deixa Jonas zangado no tocante a Nínive? Que tenciona o narrador com seu relato do incidente? Como se articulam a segunda ira de Jonas (4: 8-9) e a sua primeira indignação? (4: 1-4) Intérpretes já superados sugeriam que Deus estaria demonstrando a Jonas que pessoas são mais importantes que plantas. De fato, Lutero argumenta no seu *Cativeiro Da Vontade*: "Quão menos valia tem uma planta que uma pessoa, que diremos de toda uma Cidade?" (Editora Sinodal : Obras de Lutero; 19-242. 1974) Já Calvino acresce a seguinte moral à ultima frase do Livro Sagrado: " Se Jonas se lamenta com toda justiça por uma planta que murcha, muito mais deplorável e cruel é que tantos ANIMAIS INOCENTES pereçam."( *Comentários de Jean Calvin sobre o Profeta Jonas* ) Em suma, ainda que comentaristas modernos tenham amenizado o foco e o palavreado dos autores mencionados, fica evidente que o texto de Jonas 4: 10-11 foi distorcido até equacionar a planta com Nínive (D. Stuart : *Oséias e Jonas* 1987, pag. 506-7; D. Alexander : *Jonas* 1988, pag.130) Entretanto, é um fato que nem Jonas nem nós precisamos ser admoestados sobre a importancia superior que pessoas têm se comparadas a plantas . Ao que parece, há mais coisa a examinar no cap. 4 de Jonas. Identificar a lição objetiva do livro nos forneceria a chave para compreender o propósito de todo o livro sagrado. Aparentemente, o fato mesmo de Jonas falhar nas tentativas de dar resposta à indagação de Deus, sugere que o propósito dos testes seria ajudar Jonas a achar por si mesmo a resposta apropriada à formulação de Deus. (L. Allen: *Joel, Jonas , Miquéias* 1976, pag 230; H. W. Wolff e D. Stuart: *Abdias e Jonas* 1986: pag. 172) Jonas tem direito a ficar encolerizado? O fato de encerrar-se a narrativa com a ira profética pode talvez indicar que o propósito seria ajudar Jonas a lidar com a sua raiva puritana. Por isso parece-nos imperativo compreender o propósito do texto. Alcançando essa compreensão teríamos uma base para a nossa suposição: que a lição do livro é colocar Jonas no lugar de Nínive, com isso ajudando o profeta a avaliar se sua ira se justifica.

Identificamos tres fases no desenvolvimento do tópico, cada uma delas articulando-se em dois paralelos:

1) Tanto Nínive quanto Jonas confrontam-se com calamidades contra as que desejam se proteger: Nínive a destruição, Jonas, o desconforto do clima

2) Nínive e Jonas empreendem ações para evitar o mal que os ameaça: Nínive pelo arrependimento, Jonas erguendo o abrigo.

3) As duas ações contam com o auxílio de Deus.

Nínive: Deus muda seu parecer, Jonas: Deus envia a planta.

A essas alturas acontece uma virada. Ao invés de continuar protegendo Jonas com atos de Graça, Deus retira a sua proteção. Uma parasita devora a planta e Jonas fica exposto ao impacto da temida calamidade. Até mesmo a tentativa de proteger-se com o abrigo fica frustrada. O esquema que acabamos de apresentar contradiz duas das interpretações mais populares. A primeira já foi citada: que Nínive deve ser equacionada com a planta. Mesmo que o cap. 4: 11 sugira as duas, podemos todavia compará-las. A primeira deveria ter sido o objeto principal da preocupação de Jonas, e não a segunda. Arrisco-me a sugerir que a planta tem uma função secundária, afinal Jonas não se importa realmente com a planta no sentido mais concreto, importa-se com ele próprio. Portanto a lição do texto consiste em entendermos a planta como figura da graça de Deus, não merecida por Jonas. A equação que temos que descartar é Jonas = Israel. Ela já foi argumento muito persuasivo a influenciar a interpretação apologética do texto sagrado. O teólogo D. Alexander classificou as diversas interpretações para o propósito do livro de Jonas em quatro categorias articuladas em sub-categorias.

#### 1) ARREPENDIMENTO

a) Incentivar os hebreus ao arrependimento

b) Demonstrar a possibilidade do arrependimento.

c) Identificar o arrependimento como resposta correta à profecia

#### 2) PROFECIA NÃO CUMPRIDA

a) Debater sobre profecias falsas

b) Discutir profecias que não se cumprem

c) Examinar o problema seguinte: profecia condicional versus Graça incondicional

### 3) ATITUDE DE JUDEUS PERANTE GENTIOS

a) Incentivo ao esforço missionário

b) Condenar o exclusivismo Judaico ( Ezra e Nehemias) Este último enfoque será elaborado por nós ao abordarmos uma exegese de cartas Paulinas.

### 4) COSMO-VISÃO TEOLÓGICA

a) afirmar que Deus é livre para dispensar a sua Graça como quiser

b) Examinar as seguintes relações Graça - Justiça = Livre Arbítrio Humano - Graça Divina Liberal.

A terceira categoria tem sido de longe a opção mais popular entre os interpretes do texto por equacionar Jonas=Israel. Jonas sendo visto como representante de valores que são caros ao Judaísmo. Segundo essa abordagem o propósito do texto seria conclamar os Judeus a não agirem como Jonas. As categorias dois e quatro abordam os métodos de Deus bem como os atributos Divinos mobilizados pela situação de Jonas. Entretanto, a categoria um fornece a equação Israel-Nínive, isto é , em vez de interpelar Israel para que não proceda como Jonas procedeu, o texto estaria convidando Israel a reponder tal como Nínive respondeu. Alexander assinala corretamente que há um unico problema nessa exegese, consiste ele em que o texto não indica tal leitura em lugar algum. Se a lição fosse apenas que Israel deveria estar disposta ao arrependimento como Nínive esteve, o livro poderia terminar com o capítulo terceiro.

TODAVIA, OS VERSÍCULOS FINAIS DO LIVRO SAGRADO CONFIRMAM QUE O PROPÓSITO DO

TEXTO É CENTRAR-SE NO SENHOR. MESMO QUE A LIÇÃO DO TEXTO SUGIRA RAMIFICAÇÕES

QUE ABRANGEM JONAS, ISRAEL E NÓS MESMOS, É INTUITO DO NARRADOR FOCAR O CARÁTER

DO SENHOR, DEIXANDO AS RAMIFICAÇÕES EM PLANO SECUNDÁRIO. A lição objetiva que o livro

pretende nos dar passaria por conseguinte através da equação Jonas= Nínive.

Essa equação seria utilizada para salientar os principais aspectos da natureza do Senhor Deus de Israel. Podemos agora fazer algumas deduções. Após receber uma lição, Jonas irado, deplora a perda da planta benéfica, o seu abrigo agora perdido: a Graça de Deus fora-lhe retirada. Caso a segunda raiva de Jonas estiver relacionada com a primeira, poderemos concluir que Jonas, obcecado, concentrava toda a sua indignação contra Nínive por causa da Graça que Deus nela desperdiçava. Concordamos aqui com o teólogo J. D. Watts, que analisa a revolta de Jonas como uma reação "à tensão entre a fé num Deus justiceiro e responsável (livre arbítrio), e a fé num Deus de Graça, (predestinação) (J. D. Watts: Profetas Menores 1979, pag.92) O que deixava Jonas indignado era o fato de Deus outorgar Graça, muito embora sendo insuficiente a atitude de Nínive por merece-la. Na lição que Jonas recebera, vimos que Deus tinha colocado Jonas no lugar de Nínive. A diferença, no entanto consiste em que Deus faz com Jonas o que este queria que Deus fizesse a Nínive. Jonas tinha recebido graça imerecida (a planta) quando se houve impotente face ao temporal inclemente, tal como Nínive antes dele, tinha sido imerecidamente agraciada. No caso de Jonas porém, Deus retira a sua Graça (pela parasita), deixando Jonas exposto à calamidade. A revolta de Jonas no versículo 8, fora motivada pelo fato de Deus não aplicar a sua Graça de forma equitativa, i. e, mesmo ele não a merecendo. Todavia, com base na lição dada a Jonas por Deus, percebemos que, estritamente falando, não se trata aqui de discriminar o que Jonas, ou o que Nínive mereciam ou não mereciam. Trata-se antes bem, de ver se Jonas ou Nínive seriam capazes por si mesmos, de superar as respectivas calamidades. A lição que depreendemos do texto, não discute o assunto, mas apenas fornece um paralelo adequado à confissão de Jonas no cap. 2:10 "a libertação pertence ao Senhor" Supostamente, Jonas encontraria justificação teológica para a sua revolta inicial: Nínive merecia a condenação, o veredicto fora decretado e ele, Jonas, foi quem o tinha proclamado. A lição recebida de Deus demonstrou então a Jonas que, aquilo que ele considerava teologicamente saudável, da sua parte nada mais era que egoísmo. Tudo estava bem conquanto ele se beneficiasse com a graça imerecida. Entretanto, a certa altura no



decorso dos eventos, Jonas depara-se com a lição : o livre arbítrio de Deus não admite limitações. Afinal não se trata de avaliar o pecado de Nínive, mas trata-se do direito soberano que Deus tem de esbanjar a sua Graça, tal como o próprio Jonas o tinha declarado em sua reação à lição que recebera. Tal como observa o teólogo H. W. Wolff: " quando Jonas enfatiza a liberalidade do arbítrio do Senhor, ele não deixa de reconhecer simultaneamente que Deus tem o direito de estender a sua misericórdia aos pagãos pervertidos. (textos concordantes : D Alexander, pag 96; T. Fretheim, pag. 234) Na prática, o que Jonas exigia de Deus, é que Ele aplicasse exclusivamente a ele a Graça do seu soberano Livre Arbítrio.

### O ABRIGO DE JONAS E O ARREPENDIMENTO DE NÍNIVE

Nossa compreensão do texto irá depender do exame que fizermos da reação de Ninive à prédica de Jonas, compreensão essa que irá nos fornecer a chave para o propósito de todo o livro Sagrado. Em tal sentido, reveste grande importancia sondarmos o significado que teria o abrigo erguido pelo profeta para se proteger. É interessante que a importancia simbólica dessa ação seja ignorada pela maioria dos comentadores ao abordarem uma exegese da lição ministrada por Deus ao profeta indignado. Muitos deles chegaram a considerar o versículo cinco do capítulo quatro, como interpolação inserida posteriormente em meio à cronologia dos eventos narrados pelo autor. Tentaram até remove-lo para o capítulo 3. ( P. Tribe: Estudos sobre o livro do profeta Jonas, Pesquisas Orientalistas, 1.900, pag 260-65; J. Sasson, JONAS, 1990 pag. 287-288) A exegese elaborada por Sasson chega mesmo à tentativa de tergiversar o texto : o abrigo teria sido removido pela ventania, no seu entendimento sendo difícil explicar por que Jonas ficara exposto à calamidade, e não achando-se nenhuma outra função para a ventania !. Muito embora ele mesmo sugerisse mais adiante possibilidade algo mais plausível, concedendo em passant, que talvez a planta tivesse a função de otimizar a insuficiente sombra que o abrigo supria. No que tange à função que o vento teria, Alexander tinha apontado que a vegetação que Jonas utilizara para cobrir o teto do seu abrigo com certeza teria secado, a ventania carregando-a, expondo assim o seu abrigo ao relento. O fato desses exegetas terem ignorado,

removido ou tergiversado elementos que compõem o significado desse abrigo, prova que eles não conseguiram perceber a importância que esse abrigo tem dentro do contexto maior de toda a exegese do Livro. Da minha parte, arrisco-me a sugerir, que o significado do elemento abrigo nos proporciona algumas indicações objetivas, úteis para a compreensão do texto na sua totalidade. Ele representaria o arrependimento de Nínive. Se tiver sido correta a nossa análise do teor da narrativa, o arrependimento de Nínive requer ser interpretado como reação meramente ingenua ainda que tal "arrependimento" JÁ FOSSE ALGUMA COISA COMO PRIMEIRO

PASSO NA DIREÇÃO CORRETA RUMO A DEUS. A feição mais importante no arrependimento de

Nínive, bem como no abrigo de Jonas, consiste em ambas serem insuficientes e superficiais ( T. FRETHERM, PAG 231) Nem Nínive, nem Jonas são capazes de alcançar o que se propuseram, e nenhum dos dois consegue por seus próprios meios evitar a calamidade.

#### A PRÉDICA DE JONAS E A REAÇÃO DE NÍNIVE

O texto de Jonas não contradiz a nossa exegese no que diz respeito à reação de Nínive. Em Jonas 3:5, o texto diz: "ve iaaminú anoshei niniveh VE elohim". Muitos tradutores do passado e da atualidade têm traduzido "os homens de Ninive creram EM Deus" Entretanto, ainda que pareça ociosa uma leitura semântica do texto hebraico, essa leitura não deixa margem a dúvidas, trata-se de mais um exemplo das distorções que têm acarretado através da história as exegeses "populares". O palavreado, "crer EM" possui alto valor idiomático como profissão de fé no jargão das igrejas, mas a tradução adequada fiel e literal é: "Os homens de Nínive creram A DEUS" como corretamente consta da tradução revisada da Bíblia Pentecostal de Aplicação Pessoal. No primeiro nível de significado o fato indicaria que os ninivitas deram crédito ao que Deus tinha dito através do profeta Jonas. O teólogo Alexander chegou até a afirmar que a frase denota antes de mais que acreditar em alguém, significa "dar razão a alguém". Malgrado a interpretação corrente, i.e. que os ninivitas se converteram ao Deus de Israel, a evidência lexicológica não sustenta qualquer "conversão" por parte dos pagãos.

( Alexander ; Allen, pag 190), senão que os ninivitas resignaram se ante a certeza de que decorridos quarenta dias, ia sobrevir a destruição. Reconhecendo a iminencia certa, viram-se compelidos a reagir como melhor puderam. Uma leitura apurada e contextual da construção semântica empregada em Numero 20: 12, nos fornece o mesmo uso do verbo: " não me acreditaram A MIM" ( lá haamin BE...) quando Moisés acabou ferindo a rocha, o que acarretando a ira do Senhor fez com que lee, Moises, não mais fosse adequado para conduzir o povo de Israel à terra da Promessa. A explicação que Deus dá é que Moisés não deu fé " A Deus". Obviamente , não caberia traduzir, " NÃO ACREDITASTE EM MIM", o que poderia supor total falta de fé da parte de Moisés, o qual está fora de questão. Não se questiona a ortodoxia de Moisés , e muito menos poderia entender-se que ele "deixara de se converter". Antes bem, (como no caso de Nínive), a reação de Moisés demonstra até que ponto ele dava crédito ao que Deus dizia, e que era capaz de cumprir. Uma pesquisa maior no texto de Jonas capitulo 3, não comprova que houvesse qualquer conversão ou mudança da parte Nínive. Indicio algum nos é dado de que Jonas tivesse a oportunidade de proclamar o Senhor Deus de Israel, nem a Torah, nem o Deus Unico. A reação superficial de N[inive não foi a que seria de se esperar da parte de pessoas totalmente convertidas ao Senhor Deus. O profeta limitou-se a pronunciar seu augurio, sem chance a escapatória.

Se fosse de somenos a leitura popular que interpreta ter havido uma conversão dos ninivitas, não seria necessário nos determos nisso com tamanha enfase. Infelizmente entretanto, a falha em detectar a reação superficial de Nínive, teve como efeito ao longo do tempo, obscurecer o propósito de todo o livro Sagrado. Essa reação superficial não pode portanto ser ignorada.

### A INDIGNAÇÃO DE JONAS

Fica claro agora o que provocou a ira de Jonas. A nossa avaliação reflete as restrições que alguns exegetas tem feito."Foi somente isso que os ninivitas fizeram? Por que é que Deus iria reconhecer ou sequer responder a essa mudança superficial de atitudes, ao estilo assírio? Eles continuaram não entendendo o Senhor Deus, nem a Torah, nem o significado de crerem em um

Deus Unico. Eram eles ainda tão pagãos como antes, conforme Jonas desconfia, tão pervertido como antes, e mesmo assim sendo, Deus tinha lhes outorgado a sua graça. A indignação de Jonas era teológica. O estado em que Nínive se encontrava era deplorável. Todavia, é precisamente isso que Deus faz questão de indicar. A sua Graça não é concedida por Ele em resposta a uma fé acabada, completa, perfeita e imaculada, ( fosse esse o caso, que esperança poderia ter qualquer um de nós? )Antes bem, a sua graça benfeitora é concedida como recompensa a tentativas corretas, não importando que elas sejam insignificantes. Qualquer passo na direção correta já é um passo significativo. A mensagem que nos é dada acerca de arrependimento é que, ainda que insuficiente para nos prover de libertação pela sua própria virtude, o arrependimento é capaz de mobilizar a compaixão benfeitora de Deus, como nenhuma outra coisa poderia fazê-lo. (R.Clements: O propósito do livro de Jonas 1974, pag 8)

#### O PROPOSITO DO LIVRO DE JONAS

Onde se insere a nossa exegese dentro do sistemas classificatório do teólogo Alexander? Como dissemos anteriormente, o capítulo 4:10-11 sugere que a ênfase primordial do narrador foca-se no caráter de Deus. A compaixão de Deus o induz a realizar atos de Graça, e ele não está disposto a deixar-se coagir nesse exercício pelas restrições teológicas de ninguém. É isso o que a lição que Jonas recebeu acabou por lhe ensinar. Nínive não fora poupada devido ao seu arrependimento, mas por um dom gratuito de Deus, oriundo do seu soberano Livre Arbitrio. Por outro lado, embora a Graça seja outorgada sem merecimento, ela corresponde aos passos que forem dados na direção correta. A justiça de Deus não fica comprometida por esses atos de Graça, pois o pecado não é perdoado ainda, a condenação é que fica meramente adiada. A lição que nos deixa o Livro Sagrado é a seguinte: o Deus de Israel é o Deus benfeitor e misericordioso. Não pretendemos elaborar uma nova interpretação do livro de Jonas, mas apenas assinalar que esta nossa abordagem não fora previamente contemplada. A nossa interpretação caberia porventura na categoria quatro da classificação do teólogo Alexander. Embora já tenhamos identificado as falhas da categoria 1, contudo, essa categoria nos será útil

quando aplicada a casos específicos de nosso estudo. Quanto à situação que ante nós se apresenta, a dedução que forçosamente nos é imposta é a seguinte: se a Graça de Deus pôde ser agenciada através da atitude inconsciente da infeliz Nínive que ensejou vacilantes passos na direção correta, quanto mais poderá essa Graça se impetrada pelo arrependimento consciente do Povo Eleito? Tentemos ampliar nossa perspectiva até abranger o Desenho Maior no projeto salvífico do Senhor Deus de Israel. No início da caminhada do Povo de Israel, logo após o cântico de Moisés em Deuteronomio capítulo 32, Deus começou a enviar advertências relacionadas com : exílio, deportação, e colapso nacional. Já naqueles tempos não mais restaria esperança para eles? O único que lhes restava já então seria apenas desespero? A missão encomendada a Jonas profeta, sugere que não, isso de maneira nenhuma. Se Deus respondeu a Nínive outorgando Graça, ninguém deve desesperar de que Deus suspenda a merecida sentença, a despeito das profecias em sentido contrário. A alternativa não seria então o desespero, mas achar-se disposto a dar o primeiro passo na direção correta. É ali que se torna imperativo em nossa aplicação da mensagem do Livro Sagrado, destacarmos o tamanho comparativamente microscópico do passo dado por Nínive. O livro de Jonas não é um manual para missionários. O oráculo do profeta concentra-se somente em comunicar o julgamento iminente sem descortinar qualquer oportunidade de salvação. Deus não negocia. Além do mais, o livro do profeta Jonas nada tem a ver com qualquer exclusivismo-elitismo Judaico. Jonas não é portador de encargo algum visando um contexto apenas Judaico. O livro, ademais, pouco tem a ver com política, pois a Assíria nos dias de Jeroboam II não significava uma séria ameaça política para Israel. A mensagem é teológica. Ela traça o esboço de um projeto maior: Deus oferecendo esperanças, não obstante a sentença condenatória já esteja decretada. Ainda que a mensagem do Livro de Jonas possa nos parecer insignificante para discussão teológica, ele é valioso como tratado homilético que examina uma profecia de maneira narrativa. O seguinte esquema narrativo nos é apresentado: o Senhor Deus de Israel a estabelecer um paralelo entre o autoengano do profeta Jonas (nem ele estaria isento), mergulhado em autocomiseração,

sendo contrastado com a misericórdia sem limites do Senhor Deus. Entretanto, seria insuficiente limitarmos o propósito do Livro Sagrado a cotejar a atitude do Senhor Deus com a atitude do profeta Jonas em relação à cidade de Nínive. Não obstante o Livro de Jonas também assinala esse aspecto da questão, só seria notável o proveito haurido da mensagem teológica, se o paralelo traçado fosse contrastar a compaixão do homem mais generoso do mundo com a misericórdia do Senhor Deus. Seria de pouca utilidade reduzir o escopo do Livro profético a uma comparação entre o Criador e uma pessoa que atravessa uma crise como a que o profeta demonstra estar passando. Não seria fair play fazer alarde de um clássico que enfrentasse o time premiado de um clube de província, ao ganhador de um troféu em copa mundial de futebol. É por essa razão que não deveríamos limitar a finalidade do Livro à comparação que é feita em Jonas 4: 10-11. A perspectiva que o Senhor possui é um panorama sem limites, e essa Visão é a que motiva a desmedida Graça do Senhor. Nínive nada mais era que uma cidade de 120.000 habitantes que nem conseguiam distinguir entre a mão direita e a mão esquerda.

(TUDO COMPREENDER É TUDO PERDOAR). De uma certa maneira, essa ignorância é que os faz

objeto da compaixão infinita do Deus de Israel. O subsídio teológico que provê a nossa exegese é o seguinte: sempre que nós empreendamos passos na direção correta, a compaixão de Deus vai motivar Nele ações benfeitoras e libertárias. Casualmente ( ou talvez não) O Evangelho foca um ângulo adicional quando menciona a reação de Nínive. Em Mateus 12: 38-43, o Senhor Jesus declara que os perversos habitantes de Nínive se levantarão no dia do Juízo, e condenarão os fariseus devido à sua falta de fé. Também é fornecida a razão para isso.: os ninivitas se arrependeram ao escutar a prédica de Jonas. Convém assinalar que pouca coisa se diz acerca da qualidade que tem a reação de Nínive. Não deveríamos equacionar arrependimento e conversão. O fator preponderante é que os ninivitas responderam à palavra do profeta se arrependendo, o qual é muito mais que o que os fariseus fizeram.. Nisso reside o cerne do próprio Livro de Jonas. A interpretação que o Senhor Jesus profere quanto à reação de Nínive, fica confirmada quando Ele identifica a rainha de Sabá dentro do mesmo contexto:

como aquela que também se levantará para condenar os fariseus, ainda que o objeto da rainha fosse a honra de Salomão, e não a glória de Deus. Nosso Senhor estabelece um paralelo ainda mais drástico quando compara o puritanismo determinista dos fariseus com a humildade das prostitutas e estelionatários: estes reagem de maneira adequada à prédica de João o Batizador. Tal paralelo é magistralmente elucidado pela ministração do próprio Senhor Jesus no seu ensinamento que consta de Mateus 21: 28-32. Nesse ensinamento, o Senhor Jesus legisla de modo lapidar acerca do valor que possuem as obras por nós realizadas, se forem motivadas pelo nosso Livre Arbítrio como detonador da graça redentora de Deus. Essa avaliação será por nós examinada ao abordarmos uma exegese das cartas Paulinas.

#### O LIVRE ARBÍTRIO DE DEUS COMO GERADOR DE GRAÇA FILIPENSES 2 E ROMANOS 2 CONFIRMAM A ORTODOXIA DE PAULO.

A nossa leitura de Filipenses 2 nos servirá de plataforma para um enfoque ulterior quando nos debruçarmos na exegese de alguns escritos de Paulo. Em Filipenses 2:13, Paulo prega de maneira inequívoca quanto à ação simultânea do Livre Arbítrio de Deus, e do Livre Arbítrio do homem sempre que inspirado pelo primeiro: o Poder e energia de Deus está criando constantemente em nós a nossa Livre Vontade como desejo e como realização do propósito do Senhor Deus. Não somos robôs programados por mega-engenharia genética. O mega engenheiro da Criação nos concede a liberdade de usarmos o que ele suscita em nós sempre que nos conectarmos por vontade própria com a sua corrente de energia. Ele capacita em nós a nossa atividade latente quando nos voltamos conscientemente a Ele, na nossa qualidade de agentes moralmente livres, que podem dizer sim ou dizer não. As palavras finais do versículo 13 em Filipenses 2: "operet vos eudokias", "conforme o Seu bel prazer" (Livre Arbítrio de Deus), constituem a chave da nossa interpretação do Livre Arbítrio de Deus. Trata-se do vaso comunicante conectado ao Livre Arbítrio do homem, quando ativado pela imersão na fonte de energia operada durante o "implante" pelo batismo. Este nos capacita para realizar em obras a redenção possibilitada a nós pela ressurreição de Jesus. Devemos vivenciar esse "enxerto"

conforme as considerações de Paulo em Romanos 11: 20-21, as quais deixam ampla margem para decisões e para ações. "Eudokia" (aval, beneplácito) seria portanto: Deus exercendo livremente em nós uma influencia tal que pode nos levar a querer fazer em consonancia com o que Ele quer. Mesmo que não possamos satisfazer a Deus pelas nossas ações, ele se apraz com as obras positivas que realiza quem Nele crê., suscitadas que foram pelo Poder do Senhor Jesus no nosso interior. Esse Poder recupera em nós a capacidade de escolher Deus, com o qual restabelecemos a conexão que possibilita uma vida em sintonia com Deus. Em que consiste o beneplácito de Deus para com os homens? ( eudokia) Em que o homem não mantenha numa forma apenas elementar os dons a ele outorgados: razão, consciencia, afeição, e Livre Arbítrio. Consiste em que , existindo por enquanto como um ser infantilizado, fraco, desorientado, errático e sujo, dotado porém desde o início com o germe do Poder de Deus. , seja educado e edificado através da multiforme escola da vida até alcançar a plenitude do poder, sabedoria, e beleza moral da sua Humanidade Plena. Consiste em que através de privações, profundo sofrimento e sacrificios tremendos, cada faculdade divina nele seja transformada numa força maior, numa maior firmeza. Que gradualmente seja purgada nele toda mancha moral, que na alma humana cada virtude e cada graça do caráter cristão amadureça ao ponto da Beleza Superior. Que todos os homens se tornem Filhos de Deus completos, projetando perante os mundos o esplendor e a glória do Eterno. Efesios 1: 9 diz que Deus nos fez conhecer o mistério da sua Vontade (Livre Arbítrio), consoante o seu beneplácito ( eudokia). O Beneplácito de Deus não é portanto o capricho arbitrário de um monarca, mas significa tudo aquilo que dentro da sabedoria e amor de Deus pode aumentara benção dos santos. "Eudokia" significa aprovação, escolha, deleite.

A armadilha em que costumamos cair é tentar nos "limpar" para parecer mais santos aos olhos das pessoas. Abandonando alguns comportamentos achamos que somos "melhores". A vida no caminho de Jesus não se resume em parar de fazer coisas , em em começar a fazer coisas. O processo gradual de nos "separarmos" do mundo ( santificação) começa assim que



cooperamos com o Espírito , morrendo todo dia para a "carne" Não é somente vivermos "como Jesus", de fazer "por onde", mas trata-se de Jesus vivendo sua Vida através de nós. Ezequiel 36:27 já nos forneceu o esboço:" e porei dentro de vós o meu Espírito, fazendo que andeis nos meus Estatutos, que guardeis meus decretos e os observeis" Tudo o qual , concretizado em boas obras, como Hebreus 13:21 deixa claro : " que o Deus da Paz... vos aperfeiçoe em toda boa obra , para fazerdes a sua Vontade, operando em vós aquilo que lhe agrada em Jesus" Isso, como prescrito em Filipenses 2: 12" assim também fazei a obra da vossa própria salvação, com temor e tremor" O Espírito de Deus não cancela nosso Livre Arbitrio, o trabalho de Deus não cancela nosso trabalho. O Espírito transforma nosso Livre Arbitrio. Não é suficiente que Deus estimule os homens, os homens têm que obedecer. Ao que parece, um número comparativamente pequeno de hebreus em cativeiro obedeceu o incentivo de Deus saindo da Babilonia com os principais de seus Maiores.Com efeito,, Deus opera nosso querer e o nosso fazer mas somente algumas pessoas realizam em si mesmas o que Deus opera nelas.

### REALIZAR O QUE DEUS OPERA EM NÓS

O nosso Livre Arbitrio concorda com Deus, mas a nossa carne está disposta a nos tornar incapazes de fazer o que sabemos que deve ser feito. Quando o Senhor é apresentado a nossa consciencia, a primeira coisa que nossa consciencia faz é incentivar a nossa Livre Vontade, e ela sempre está de acordo com Deus. Podemos duvidar:".. mas eu não tenho certeza de que a minha vontade esteja de acordo com a Vontade de Deus" Olhemos então para Jesus e iremos nos cientificar. Aquilo que em nós , nos faz dizer: " não vou..." é algo menos profundo que o nosso Livre Arbitrio, é perversidade ou obstinada rebeldia. O que há de mais profundo na consciencia do homem é o seu Livre Arbitrio, não é o Erro.

O Livre Arbitrio de Deus é o elemento essencial depositado no ato da Criação do homem por Deus, enquanto o Erro é uma pre-disposição falha que entrou no homem. No ser regenerado a fonte de Livre Arbitrio é onipotente, pois é Deus que opera em nós tanto o Querer como o Realizar o seu Beneplácito. Não estamos contrastando o nosso Livre Arbitrio com a Vontade de

Deus. O Livre Arbítrio de Deus é a nossa vontade. As nossas escolhas livres estão alinhadas de acordo com o Livre Arbítrio de Deus numa vida que acompanha o ritmo natural da respiração de Deus. cremos que Deus Todopoderoso é a fonte do nosso Livre Arbítrio Deus não somente espera que façamos a Sua Vontade, Ele está presente em nós para realizar-lo. Paulo refere-se geralmente à Antiga Era em termos negativos: Ministério da morte (2 Cor 3:9), estar sob a Lei sendo equacionado a achar-se sob o poder do pecado (Rom 6:14-15; Gal 3:21-22; 5:18) A era da Lei é descrita como era de infância, se comparada à herança plena agora disponível (Gal 3:23-4:7) O qual não nega a atividade do Espírito Santo sob a Antiga Aliança. Sequer imputa-se à Aliança mosaica ser ela legalista. Trata-se segundo Paulo, de reconhecer que a ação do Espírito Santo fora reduzida ao mínimo na Antiga Era, se comparada com essa mesma ação na Nova, pois, falando-se em termos gerais, a Aliança mosaica acabou em fracasso, enquanto com o alvorecer da Nova, a Lei já pode ser obedecida pela pulsão do Espírito Santo. Aparece-nos improvável que quando Paulo fala sobre a ação do Espírito (Rom 2:29) esteja ele se referindo a uma obediência previa à vinda da Boa Nova, sendo que o cerne do seu ensinamento ( tanto consoante o Velho Testamento como segundo outra literatura judaica do Segundo Templo) consiste na ação do Espírito apresentada como marca distintiva da Era NOVA , enquanto a Era Antiga vinha marcada pelo predomínio do Erro e do fracasso

---

## OBRAS E JULGAMENTO EM ROMANOS 2

A idéia de que em Romanos 2 Paulo fala sobre Cristãos que obedecem a Lei , tem de receber o aval de uma exegese. Conforme a nossa leitura do texto, em Rom 2:14-15.27 descreve-se Gentios incrédulos passíveis de condenação. A razão que torna tão difícil esse capítulo , é que Paulo descreve no mesmo capítulo tanto gentios incrédulos como gentios crentes. Antes de examinarmos os textos específicos em Rom. 2 que são determinantes quanto ao nosso tópico , será necessário estabelecer o contexto geral da secção.O propósito principal de Rom. 2 é provar que os Judeus são culpados ante Deus por terem transgredido a revelação que

receberam., da mesma forma que os gentios rejeitaram a revelação que receberam (1:18-32)O fato de serem particularmente os Gentios o foco de Paulo em 1:18-32 e os Judeus em 2:1-16.29, fundamentamos nós sobre os seguintes argumentos:

#### PAULO ACREDITAVA EM RECOMPENSA PELAS NOSSAS AÇÕES?

Que Paulo refere-se exclusivamente a Gentios em 1:18-32 é comprovado pelo fato de que nos versos Rom 1:19-2, ele refere-se somente à revelação natural. Uma condenação dos Judeus em Rom. 2 provavelmente ia aludir também a sua transgressão da Torah. Além do mais, nem homossexualidade nem idolatria notória eram hábitos tipicamente judaicos, adequando-se mais a uma representação do mundo Gentio. Que Paulo descreve o mundo Gentio em 1:18-32, também é apoiado pela evidencia de que nesse texto , ele se serve de conceitos típicos que a tradição judaica usava para condenar o mundo Gentio.

Já Rom 2:1-5 refere-se provavelmente aos Judeus, pois são os Judeus quem se consideravam moralmente superiores devido a à sua recepção da Torah. Eles, corroborados nesse fato e por serem o Povo Eleito de Deus, contavam com que a benevolencia de Deus tornava pouco provável qualquer punição.

Agora que ficou estabelecido que Rom. 2 foi dirigido a Judeus, estamos preparados para examinar com mais cuidado o próprio texto. Rom. 2:6 é um texto crucial para nosso debate, pois ali Paulo diz que Deus" retribuirá a cada pessoa conforme as SUAS OBRAS" O versículo deve ser investigado dentro do seu contexto se nós quisermos depreender com precisão, de que maneira devemos interpreta-lo. É preciso notar que o versículo 6 fundamenta o motivo para a afirmação de Paulo no versículo 5, onde ele declara incorrerem os Judeus na ira de Deus preparada par o dia do Julgamento final. Essa ira é cumulada porquanto Deus julga cada pessoa conforma as suas obras, e 2:1-4 deixa claro que as obras dos Judeus são más. Há também ali uma alusão ao Salmo 62: 12 . Além desse texto, em toda a vasta literatura Judaica podemos encontrar a importancia das obras ser salientada com frequencia. Já vimos que não é surpreendente em textos de Paulo acharmos o conceito de um julgamento conforme a obras,

sendo que ele reconhece a importância das obras em diversos fragmentos do seu ensinamento. Seguindo o versículo 5, o versículo 6 ressoa com uma nota decididamente negativa. Até ali não havia qualquer indicação no texto de que alguém fosse receber no último dia justificção pelas suas ações. Contudo, devemos apontar que os versículos de 7 a 10 expandem e alicerçam a proposição articulada no versículo 6. Nos versículos de 7 a 10 Paulo elabora em alternância quiasmática negativos e positivos, os versículos 8-9 focando mais os negativos: um julgamento escatológico aguarda aqueles que desobedecem a verdade e praticam o mal. O uso da palavra ORGUÉ, Ira, no versículo 7, serve como suporte ao argumento de que Paulo fala de um julgamento final, vinculado com a mesma palavra no versículo 5. Esta última passagem refere-se com clareza a um julgamento escatológico. A antítese alternativa a tal punição é a recepção de "vida eterna" no versículo 7. Portanto, os versículos de 7 a 10 não deixam dúvida de que a retribuição final aludida no versículo 6 será uma recompensa escatológica, quer seja essa recompensa uma vida eterna, ou a pungente Ira de Deus como rigor terminal. O julgamento negativo dos vers. 8-9 concorda com um julgamento pelas ações, pois todos aqueles que são consumidos por uma ambição egoísta e desobedecem a verdade vão confrontar-se com a Ira (v. 8)

O vers. 9 complementa o 8: o julgamento será aplicado aos que praticam o mal. No entanto, devemos salientar que a retribuição escatológica baseada nas ações não se aplica somente àqueles que vão vivenciar a Ira no dia final. Paulo também fala no vers. 10 em recompensa de glória. A essas pessoas Deus vai outorgar "vida Eterna". Devemos daí deduzir que a vida Eterna será concedida àqueles que perseverarem realizando boas ações. Paulo parece afirmar, em uníssono com todo o Judaísmo até então, e como todo o Antigo Testamento, que para herdar o Reino de Deus, é necessário realizar boas ações. É até possível que Paulo esteja falando em hipótese, mas nós já adiantamos que o que fica documentado em Rom. 2:26-29 comprova que Paulo afirma genuinamente que algumas pessoas obedecem a Lei, indicando com isso que esses receberão salvação no dia da Ira. Aqui, Paulo não fala apenas de uma

possibilidade de retribuição destinada a Gentios, pois o que ele diz vale tanto para "Judeus , como para Gregos" (Rom 2:9-10) Por conseguinte, seria erroneo sugerir que Rom 2 fala somente acerca de Gentios Cristãos que obedecem a Lei, não obstante ele enfatize esses ultimos com o intuito de mover os Judeus a se convencerem de pecado. Todavia, chamar Cristãos a essas pessoas é reivindicar algo que não se encontra no próprio texto . Por acaso estamos contrabandeando isso de outro lugar? Se for corroborada tal objeção, a nossa interpretação poderia ser refutada. Entretanto, não é razoável esperar o que alguns exegetas demandam, que tudo o que um autor tenha a dizer, ele consiga comunicar em 5 versículos. Cumpre aos exegetas sem exceção ter em vista o contexto para defender uma leitura coerente, porquanto o que se depreender do contexto maior entrará em consideração, ao se formular uma hipótese interpretativa. A questão consiste entretanto em discriminar se é justificado todo e qualquer apelo ao contexto maior. Nossa perspectiva considera que o fato de Paulo falar de cristãos.que realizam boas ações é defensável pois em Rom 2:26-29 ele deixa claro que aqueles que obedecem a Lei já foram transformados pelo Espirito Santo. Os ultimos versículos não procedem de um contexto distante, mas acham-se muito próximos, esclarecendo as anteriores afirmações do capítulo acerca da retribuição conforme as obras.

#### Um aparte a Romanos 2:14-15

O versiculo 6 é a afirmativa que declara haver uma recompensa de Deus para cada pessoa conforme as suas obras. Os versículos de 7 a 10 explicam essa tese através de um quiasma : demonstrando que aqueles que fizerem o mal vão experimentar a Ira e a tribulação (vv. 8-9). O versículo. 11 fundamenta 6-10, explicando que isto é realizado por Deus quer sejam as pessoas Judeus ou Gentios, por ser Ele imparcial. A palavra "gar " no original, " pois", no versículo 12, apoia a assertiva quanto à imparcialidade de Deus proclamada no versiculo11.

O que Paulo está dizendo é que todos os que pecam sem a Lei (Gentios) perecerão sem a Lei, e todos os que pecam com Lei (Judeus) serão julgados por meio da Lei. Deus irá julgar cada grupo conforme o padrão que o mesmo possui. Romanos 2:14-15 tem que ser examinado pois,

como foi previamente apontado, alguns interpretes pretendem que tais versículos demonstram serem incréus que estão sendo considerados em todo o capítulo 2. Por outro lado, outros estudiosos se utilizam dos mesmos versículos para dizer que o capítulo dirige -se a Cristãos Gentios. Vamos tentar argumentar que nenhuma dessas interpretações é concludente.

Contrariamente a este ultimo grupo de estudiosos, sustentamos que nos vv. 14-15. não está se descrevendo Cristãos Gentios. E contrariamente aos primeiros, isso não prova que os que são descritos em Rom 2:7, 10 e 26-29 sejam incréus. Procedamos agora a examinar o v. 12-16.

Somente nos interessa saber se em 2:14-15 Paulo está falando de Cristãos Gentios . Tentaremos demonstrar que em 2:14-15 Paulo não fala sobre Cristãos Gentios, mas de Gentios pagãos que observam a Lei ocasionalmente, e que essa obediencia ocasional não basta para lhes conferir justiça, mas que irá resultar num julgamento fundamentado na Lei. O novo elemento a ser introduzido aqui é a Lei. Possuir a Lei tem alguma vantagem para os Judeus? A resposta de Paulo é : ser detentores da Lei só é vantajoso se a Lei for cumprida. No versículo 13 ele sustenta essa afirmativa ( demonstrando que a partir do vers. 12 a sua maior preocupação foca-se na situação dos Judeus) , ao dizer que ouvir a Lei não faz a ninguem justo, mas que aquele que cumpre a Lei receberá justificação. Vamos defender que na realidade Paulo crê que devemos obedecer a Lei para sermos justificados.

Mesmo ele acreditando que é possível ser justificado pelas ações (vers. 13), isso não supõem que os Gentios descritos nos vv. 14-15 sejam Cristãos Gentios justificados pelas suas ações. De fato, há bons motivos para pensar que Paulo não pensa em Gentios justificados pelas obras , nesses versículos . Conforme a nossa abordagem.a conexão entre os vers.13-14 encontra-se conectando a proposição principal do vers. 14 ao v. 13 . A proposição central em v. 14 está na sua clausula independente, que parafraseamos da seguinte forma. " esses Gentios, mesmo não possuindo a Lei de Moisés, são Lei para eles mesmos." O que Paulo quer provar ali é que os Judeus não deveriam considerar um distintivo para salvação a posseção da Lei de Moises, pois mesmo os Gentios que não possuem a Lei de Moises já escutaram a lei , e os próprios Judeus

não reputam os gentios como salvos simplesmente pelo fato de eles estarem cientes das normas morais contidas na Lei. Portanto, a conexão entre 13-14, não está em que os Gentios pratiquem a Lei, sendo com isso justificados. A conexão está em que tanto Gentios, como Judeus, já sabem da Lei pelo fato de a mesma encontrar-se gravada nos corações, mas que tal forma de audição infelizmente não basta para garantir justificação. ROM.2:26-29

Paulo argumenta que o fato dos religiosos possuírem a Lei não tem valor sem a obediência às mesmas. Uma proclamação da Lei sem a submissão correspondente à Lei, leva ao menospreço do nome de Deus entre os pagãos. No vers. 25, uma outra objeção é colocada por Paulo contra o seu imaginário oponente religioso.. O favor de Deus para com os Judeus seria comprovado não somente pelo dom da Lei, mas esse status de escol estaria confirmado pela circuncisão: a circuncisão sendo como que um sinal de proteção contra a Ira de Deus.. Paulo no entanto, replica como o fez no atinente à possessão da Lei em v. 17-24: a circuncisão adianta somente se a pessoa observa a lei. O religioso que não obedecer a Lei, ficou incircunciso aos olhos de Deus. Não mais é membro do povo do Pacto. Em contrapartida, (v. 26), os Gentios não circuncidados que obedecerem a Lei, são tidos como circuncisos por Deus, isto é, são membros do Povo Eleito. Mais ainda (v. 27), aquele que estiver fisicamente incircunciso e observar a Lei, julgará o religioso que, a despeito das vantagens da Lei, a transgride. Uma prova de que de que circuncisão e religiosidade não adiantam com Deus, é que Deus não se deixa impressionar pela linhagem nem por outros distintivos exteriores. A verdadeira religiosidade-circuncisão são coisas do coração e devem se atribuir à ação do Espírito Santo (v. 29) Somente os que forem transformados a esse ponto é que receberão recompensa de Deus. Que a mera possessão da Lei não conduz à obediência, é corroborado nos textos. de Rom 7: 6; 2 Cor. 3:6 os quais salientam a polaridade Letra-Espírito. (gramma -Pneuma). A lei sozinha mata e produz o pecado (2 Cor. 3:6; Rom. 7:5-6). A inferência é não somente que ninguém consegue cumprir a Lei, mas que os que não têm o Espírito Santo estão incapacitados para observar a Lei. Os temas similares e também o palavreado, de Rom. 7; 2 Cor. 3; e Rom. 2

demonstram que a polaridade reside em : Lei-Letra versus Espírito Santo. Num texto afim : Fil. 3:3, Paulo conecta a circuncisão genuína com a ação do Espírito. Há uma semelhança notável entre Fil. 3:3 e Rom. 2:29, a sugerir que em ambos trata-se do Espírito Santo. Também existem antecedentes na antiga literatura Judaica aludindo à circuncisão do coração. Deut. 30:6 prevê um tempo em que Deus circuncidará o coração do seu Povo. Há reiterados apelos conclamando a circuncidar o coração (em Jer. 4:4 que confere com Deut. 10:16) Porém o cumprimento dessa ordem só será possível no contexto de um Novo Pacto, quando Deus escrever a sua Lei nos corações (Jer. 31:31-34) Dentro do escopo delineado por Paulo, haveria uns poucos Gentios que obedeceram a Lei na era antiga, ele enfatizando todavia que nessa Era as pessoas estavam dominadas pelo Erro. A obediência descrita em Rom 2:26-27 depende e está enraizada na ação do Espírito Santo que circuncidou os corações ( Rom.2: 28-29) Paulo deixa claro que por lógica, a ação do Espírito no coração "precede" a obediência da Lei por parte dos Gentios. Não se trata de ganhar ou merecer salvação pela observância da Lei. Tal observância é sinal de que o Espírito está agindo, o fruto e prova desse poder sendo Gal. 5:22-23, concepção que está em harmonia com Jer. 31:31-34 e Ezeq.36: 26-27 A conexão de v. 29 com o que Paulo disse em Rom. 2:6-10 deve ser salientada. Nos vers. 26-29 diz ele que aqueles que observarem a Lei receberão a circuncisão do coração que é a ação do Espírito Santo. E são aqueles que cumprem a Lei que receberão galardão, no dia do Juízo. A promessa de recompensa escatológica para aqueles que cumpriram a Lei é achada em vs 6-10, onde Paulo diz que aqueles que praticarem boas ações receberão vida eterna. tal recepção de vida eterna sendo segundo os v. 6-10, outra forma de descrever a recompensa escatológica que o Povo de Deus receberá, vers. 29 Rom. 2: 6-10 fala em realizar boas ações para obter vida eterna, Rom. 2:26-29 fala em observar a Lei para obter recompensa escatológica e tornar-se membro do Povo do Pacto, enquanto Rom. 2:13 diz que aqueles que observam a Lei serão justificados. Concluimos que aqueles que observam a Lei estão a realizar boas ações, e que tais ações boas são necessárias para ser justificados e receber vida eterna.



## CONCLUSÃO

Parece tortuoso o roteiro que traça Paulo, se referindo aos Cristãos em 2:7,10 e em 2:26-29, mas aos Gentios Pagãos em 2:14-15. No entanto, a tese principal de Rom 2, é que os religiosos somente escaparão do Juízo Final se cumprirem a Lei. Isso é confirmado por Paulo através desses textos. Ademais, é coerente a afirmativa de Paulo quanto ao fato de que nem os religiosos nem os incréus, sem possuírem o Espírito são capazes de observarem a Lei, enquanto os pagãos transformados pelo Espírito, estão capacitados para observarem a Lei. Os tres fragmentos que temos examinado neste trabalho propõem o mesmo questionamento de maneira diversificada. Rom 2:6-11 enfatiza a imparcialidade de Deus que julga conforma as ações. Em conformidade com a visão tipicamente judaica, Paulo acredita que alguns serão recompensados por boas ações, mas que e os pecadores que fazem o mal, serão condenados. Aqui, Paulo utiliza o tema da imparcialidade do julgamento de Deus para reprovar qualquer pretensão a privilégios por parte do Judaísmo. "Qualquer pessoa" que perseverar em fazer o bem receberá vida eterna, enquanto todos os que fizerem o mal, sejam eles Judeus ou Pagãos vão ter que experimentar a Ira. Em 2: 12-16 ele encara uma eventual objeção da parte do Judaísmo: Por acaso a posse da Lei Mosaica não demonstra que Deus é parcial, e favorece o Judaísmo? Paulo replica que a mera posse da Lei não é vantagem nenhuma. O que conta é observa-la. Até mesmo Pagãos incréus são conscios de normas morais, que eles obedecem ocasionalmente, mas tal obediencia ocasional por parte dos Pagãos não irá eximi-los do Juízo. Nem os religiosos que deixam de observar a Lei vão escapar da Ira de Deus. A objeção imaginária dos v. 25-29 concede que a cicuncissão é um sinal de favor especial. Mas novamente, Paulo enfatiza que tal signo carece de valor sem a obediencia da Lei. O ritual do Antigo testamento , a circuncisão encontra seu significado verdadeiro na circuncisão do coração que os Gentios Cristão experimentam através da ação do Espírito Santo. Ao enfatizar a inclusão dos Gentios e o fracasso dos Judeus em obedecerem a Lei, Paulo sugere que os Judeus nunca conseguirão realizar a Lei enquanto estiverem separados da comunidade cristã. Em

suma: Paulo contesta possíveis objeções do Judaísmo de forma diversificada. No decurso da argumentação ele demonstra que as obras são necessárias para a salvação, e que o mal será punido. Resta-nos analisar uma aparente contradição entre textos. Nos textos Rom. 2 e Rom. 3:20 Paulo dirige-se a duas situações diferentes. Quando ele diz que ninguém pode ser justificado pela Lei, ele contempla aqueles que acham que podem ingressar na nova comunidade através de sua obediência à Lei, i.e., aqueles que pensam poder ganhar a sua salvação por meio de boas ações. A esses, ele diz que para entrar no Reino é necessária uma obediência perfeita, sendo ela impossível conforme a sua experiência ("pela Lei adquire-se o conhecimento do pecado", Rom. 3:20), seria uma grande ilusão da parte dos pecadores achar que podem deixar Deus em dívida realizando boas obras. Por outro lado, Paulo não acredita que os Gentios possam obedecer suficientemente a Lei e ser salvos. Antes de ser salvo por meio da Lei seja Judeu ou Pagão, o Espírito Santo tem que intervir. Entretanto, a teologia Paulina deixa claro que ninguém tem acesso ao Espírito Santo observando leis. (Gal. 3:1-5) O Espírito é recebido por intermédio dos Cristãos congregados, o qual confere fé. O Espírito é concedido de graça a todos os que tiverem fé em Jesus, o Cristo. O nosso posicionamento é que Rom. 2:29 deixa claro que o Espírito foi outorgado antes da Lei ser obedecida, e portanto não se trata de entrar no Reino obedecendo Leis. Contudo, Paulo insiste em que a Lei é necessária para se obter a herança escatológica. O trabalho do Espírito na pessoa produz a obediência da Lei. (Rom. 2:26-29) A obra salvadora de Jesus muda radicalmente a pessoa, e ela passa a obedecer a Lei que antes desobedecia (Rom.8:1-4) As ações necessárias para a salvação não são agenciadas nem merecidas, mas constituem antes, a evidência de uma salvação que já foi concedida. O dom da justiça dado de graça a quem crê, vem acompanhado de uma transformação operada pelo Espírito., pois esse dom não pode ser separado da ação justificadora de Deus. Essas boas ações manifestam a ação do Santo Espírito na vida dos que acreditam. Temos de enfatizar que Paulo não fala de uma obediência perfeita, mas de uma obediência significativa e substancial. Ainda que o Espírito seja concedido, resta sempre um

"ainda não" na sua teologia. O dia da redenção final continua a estar situado no futuro (Rom. 8:10,23). É por esse motivo que reina ainda uma certa ambiguidade em toda congregação de cristãos. Alguns que na aparência seriam crentes, terão a evidencia de que não haviam recebido o dom salvador da Justiça. Eles vão fracassar no teste do dia final, devido à falta da própria ação decisória, falha comprovatoria de que na realidade eles nunca fizeram parte da congregação.

## LITERATURA E BIBLIOGRAFIA

O autor deste trabalho serviu-se em grande medida de textos não publicados em português. É copiosa a literatura sobre o tema em questão. Limitamo-nos a remeter a uma bibliografia abreviada de textos segundo alguns itens dentro da monografia. A literatura acerca do livro de Jonas já é citada no corpo do texto.

Sobre as epistolas de Paulo

J. M. G. Barclay, *Obedying the Truth: A Study of Paul's Ethics in Galatians*

(Edinburgh: T. & T. Clark, 1988) 238-39, 242

W. H. W. Bartsch, "The Historical Situation of Romans," *Encounter* 33 (1972) 329-38; W. S.

Campbell, "Why Did Paul Write Romans?" *ExpTim* 85 (1974) 264-69; idem, "Romans 3 as the Key to the Structure and Thought of the Letter,"

Campbell ("Separation from the Synagogue," 465)

Campbell ("Separation from the Synagogue," 465)

W. R. Campbell, "Did Paul Advocate Separation from the Synagogue? "

K. P. Donfried, *The Romans Debate* (rev. ed.; Peabody: Hendrickson, 1991);

J. D. G. Dunn's, *Romans* (WBC; Waco: Word, 1988) 2.794-853. *Romans* 2-8

Joest, *Gesetz und Freiheit: Das Problem des tertius usus legis bei Luther und die neutestamentliche Parainese* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1956) 169-76

J. Knox, *Romans* (IB; New York: Abingdon, 1954) 409, 418-19

O. Kuss, *Der Römerbrief* (Regensburg: F. Pustet, 1957) 1.64-68, 90 *Chr. Kaiser*, 1959) 2.110;

M. Lackmann, Vom Geheimnis der Schöpfung: Die Geschichte der Exegese von Römer I, 18-23, II, 14-16 und Acta XIV, 15-17, XVII, 22-vom 2. Jahrhundert bis zum Beginn der Orthodoxie (Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1952) 95-140, 212-235.

J. Reidl, "Die Auslegung von R 2, 14-16 in Vergangenheit und Gegenwart," Studiorum Paulinorum

Congressus Internationalis Catholicus 1961 (AnBib 17-18; Rome: Pontifical Biblical Institute, 1963) 1.271-81

H. Räisänen, Paul and the Law (Philadelphia: Fortress, 1983) 106-7;

Räisänen's Paul and the Law," JSNT 38 [1990] 77-85) Paul, Judaism and the Gentiles (SNTSMS).

J. Roetzel (Judgement in the Community: A Study of the Relationship between Eschatology and Ecclesiology in Paul [Leiden: Brill, 1972] 177-78)

Sanders, Paul, the Law, 123, 129.

Sanders, Paul, the Law, 124-25;

Sanders, Paul, the Law, 131-32 C. E. B. Cranfield ("Giving a Dog a Bad Name: A Note on H.

F. Thielman, From Plight to Solution: A Jewish Framework for Understanding Paul's View of the Law in Galatians and Romans (NovTSup 61 Leiden: Brill, 1989) 94-96; B. L.